SATANÁS
E O PROBLEMA DO
MAL

GREGORY A. BOYD

RESUMO EM PORTUGUÊS

Este livro não pode ser vendido por falta de autorização de direitos de autor; foi um trabalho efetuado para estudo pessoal.

Informação sobre o livro original

BOYD, Gregory
Satan and the Problem of Evil: Constructing a Trinitarian Warfare Theodicy.
Downers Grove, IL: IVP Academic, 2001.

Índice

	Apresentação	1
	Introdução	3
Parte I	Fundamentos da Teodiceia de Guerra Trinitária	
1.	O Mundo em Guerra: A Visão de Guerra Espiritual na Bíblia e na Igreja Primitiva	12
2.	A Queda Livre: O Livre-Arbítrio e a Origem do Mal	19
3.	Uma Criação Arriscada: A Presciência Divina e a Visão de Guerra Trinitária	25
4.	Uma Questão de Equilíbrio: Questões sobre a Presciência de Deus e a Abertura do Futuro	31
5.	Amor e Guerra: Risco e a Soberania de Deus	37
6.	Sem Retorno: A Irrevogabilidade e a Finitude da Liberdade	43
Parte II	Aplicações da Teodiceia de Guerra Trinitária	
7.	Orando no Redemoinho: Milagres, Oração e a Arbitrariedade da Vida	49
8.	"Vermelho nas Garras e nos Dentes": Perspetivas sobre a Origem do Mal Natural, Parte 1	55
9.	Quando a Natureza se Torna uma Arma: Perspetivas sobre a Origem do Mal Natural, Parte 2	63

10.	Isto Foi Feito por um Inimigo: O Mal "Natural" e a Teodiceia de Guerra Trinitária	70
11.	Um Confronto de Doutrinas: Sofrimento Eterno e Aniquilacionismo	76
12	Uma Realidade Separada: Inferno, o *Das Nichtige* e a Vitória de Deus	83
	Apêndices	
1.	Objeções Pendentes	89
2.	Quatro Argumentos Filosóficos para a Incompatibilidade entre Determinismo Exaustivo e Livre-Arbítrio Autodeterminante	97
3.	Sobre Períodos Probatórios Incompletos	103
4.	Uma Teologia do Acaso	109
5.	Notas Exegéticas sobre Textos Usados para Apoiar o Compatibilismo	115
	Glossário de Termos e Conceitos e o seu Significado na Teodiceia Trinitária de Guerra	123

Apresentação

Este resumo segue a estrutura do livro original e resume cada capítulo com o essencial em português, de modo que através do índice é fácil a consulta. Este trabalho não substitui a leitura e estudo do livro original. É um incentivo a ler as obras diversas de Boyd.

Impõe-se, antes de mais, apresentar o autor do livro[1]. Greg Boyd é um teólogo, pregador, professor, apologeta e autor reconhecido internacionalmente. Greg recebeu seu Ph.D. do Seminário Teológico de Princeton (*summa cum laude* 1988), seu M. Div. da Yale Divinity School (*cum laude* 1982) e seu B.A. em Filosofia pela Universidade de Minnesota (1979). Foi professor de teologia por 16 anos na Bethel University (St. Paul, MN), onde recebeu o Prêmio de Excelência em Ensino e o Prêmio de Liderança Campus.

Greg é o cofundador da Igreja Woodland Hills em St. Paul, Minnesota, onde tem o cargo de pastor sênior. É autor de muitos livros e numerosos artigos académicos, incluindo um best-seller e premiado "Letters From a Skeptic" (Cartas de um Cético). Os seus escritos apologéticos e debates públicos sobre o Jesus histórico e o problema do mal ajudaram muitos

[1] Informação retirada de https://reknew.org/about/greg-boyd/ em 2024-03-08

céticos a abraçar a fé, e os seus escritos e seminários sobre a transformação espiritual tiveram um impacto revolucionário e libertador em milhares de crentes.

Gregory Boyd deveria ser estudado em todas as escolas de teologia, porque representa uma corrente alternativa ao calvinismo e ao arminianismo, que explica muitos problemas que os outros não resolvem.

Este resumo poderá ser usado para um curso bíblico, usando cada capítulo para uma aula de estudo e debate. Sugiro que os alunos façam a leitura prévia do capítulo e depois sejam analisados os textos bíblicos em aula. Bom estudo e que Deus nos guie.

Introdução

«Eu livremente admito que o Cristianismo real… Está mais perto do Dualismo do que as pessoas pensam… A diferença é que o Cristianismo pensa que este Poder das Trevas foi criado por Deus, e era bom quando foi criado, tornando-se mau. O Cristianismo concorda com o Dualismo em que este universo está em guerra. Mas não considera que é uma guerra entre poderes independentes. Vê como uma guerra civil, uma rebelião, e que estamos a viver numa parte do universo ocupado pelo rebelde.»
C. S. Lewis, *Mere Christianity*

A Bíblia ensina de forma uniforme que Deus é o Criador de tudo quanto existe e o Senhor soberano da história (Gn 1:1; Dt 10:14; Sl 135:6–18; Jo 1:3; At 17:24–27; Ef 1:11; Cl 1:16–17). Por vezes, exerce controlo unilateral sobre os acontecimentos históricos, intervindo miraculosamente para alterar o curso das nações ou de indivíduos, chegando a predestinar certos eventos com grande antecedência (Is 46:10–11; At 2:23; 4:28). Sendo omnipotente, o seu objetivo de obter uma "noiva" (a Igreja) e estabelecer um reino eterno livre de todo o mal será com certeza alcançado um dia (1 Co 15:25–28; Ef 1:16–23; Cl 1:18–20; Ap 20:10). Em suma, a Escritura retrata Deus como o Criador soberano e

omnipotente que guia o mundo com confiança para o fim desejado.

Com base neste testemunho bíblico claro, muitos cristãos concluíram que, para que Deus realize o seu plano para a criação, tudo o que acontece na história mundial deve, de alguma forma, encaixar no seu plano soberano. Esta suposição permeou a teologia e piedade da Igreja ao longo de praticamente toda a sua história. É expressa em muitos hinos tradicionais que nos tranquilizam com a certeza de que Deus está no controlo e a realizar os seus propósitos, independentemente do que nos aconteça. [1] Também se manifesta nas frases feitas que os cristãos frequentemente repetem diante do sofrimento: "Deus tem os seus motivos", "Tudo tem um propósito", "A providência escreve direito por linhas tortas", "Os seus caminhos não são os nossos". Esta suposição também se estende à cultura em geral. Prova disso é o facto de as apólices de seguros ainda referirem-se a desastres naturais como "atos de Deus".

Alguns dos mais influentes teólogos da Igreja também sustentaram esta suposição. Agostinho, por exemplo, escreveu: "*Para Deus… todas as vontades… estão sujeitas, visto que não têm poder senão aquele que Ele lhes concedeu. A causa das coisas, portanto, que faz mas não é feita, é Deus.*"[2] Noutra obra, afirma: "*A vontade do Omnipotente é sempre invencível.*"[3]

"*Nada acontece a menos que o Omnipotente o queira permitir.*"[4] Mesmo os atos maus devem ser permitidos por Deus para um propósito específico bom.[5] Por isso, Agostinho encorajava os cristãos vitimados por outros a encontrarem consolo no conhecimento de que os seus opressores não lhes poderiam ter feito mal sem que Deus o tivesse permitido para um bem superior.[6]

Calvino fez um ponto semelhante:

> "*Suponhamos que um homem cai nas mãos de ladrões ou de feras… ou que outro homem, vagando pelo deserto, encontra ajuda na sua aflição… A razão carnal atribui tais acontecimentos, sejam prósperos ou adversos,ao acaso. Mas quem foi ensinado pelos lábios de Cristo… procurará uma causa mais distante, e considerará que todos os eventos são governados pelo plano secreto de Deus.*" [7]

O monge do século XVI, Irmão Lourenço, escreveu:

> *"Deus sabe melhor do que precisamos e tudo o que Ele faz é para nosso bem. Se soubéssemos quanto Ele nos ama, estaríamos sempre prontos a receber d'Ele, com equanimidade, o doce e o amargo, e mesmo as coisas mais dolorosas e difíceis tornar-se-iam agradáveis e bem-vindas… Quando acreditamos que é a mão de Deus a agir sobre nós, que é um Pai cheio de amor que nos sujeita a esta humilhação, dor e sofrimento, então toda a amargura é esquecida e rejubilamos neles. Devemos acreditar, sem questionar, que… é do*

> *agrado de Deus que nos sacrifiquemos a Ele, que é por Sua providência divina que somos entregues a todas as condições, para sofrer todos os tipos de sofrimentos, misérias e tentações."* [8]

A este entendimento dou o nome de **visão do mundo como plano** (*blueprint worldview*) [9], pois assume que tudo, de alguma forma, encaixa no "plano secreto de Deus", um esboço divino. Esta visão apresenta várias formas, algumas afirmando que Deus ordena tudo, outras que apenas permite os eventos trágicos. Mas todas partilham a premissa de que, sejam ordenados ou permitidos, existe um motivo divino específico para cada acontecimento da história.

Questionar a Visão do Mundo como Plano

Por mais tradicional e popular que esta visão seja, não está isenta de dificuldades significativas. Por exemplo, torna extremamente difícil reconciliar o mal existente no mundo com a omnipotência e a bondade perfeita de Deus. Não é fácil e para alguns, não é possível, acreditar que existe um propósito providencial específico por trás de certas experiências horríveis.

Recentemente, dezenas de crianças pequenas foram soterradas vivas por um deslizamento de terras no México. Conseguimos conceber uma razão

específica pela qual Deus terá considerado melhor permitir esta tragédia do que evitá-la? Noutro caso, uma menina foi raptada do seu quintal numa cidade do Minnesota. Os pais vivem hoje num pesadelo perpétuo. É possível conceber um "bem superior" que justifique o facto de Deus ter permitido isto?

A sugestão de que Deus tem uma "razão superior" para permitir estas tragédias pode ser ofensiva, tanto para os que sofreram como para o próprio caráter de Deus. [10]

Há quem, assumindo que crer em Deus implica aceitar esta "harmonia superior", tenha abandonado por completo a fé. Tal como Ivan, personagem de Dostoievski em *Os Irmãos Karamazov*, essas pessoas rejeitam Deus por razões morais:

> *"Renuncio completamente à harmonia superior… não vale as lágrimas de uma só criança torturada."*[11]

A Visão do Mundo em Guerra

Esta revolta é compreensível, mas a rejeição de Deus não é necessária. Apesar da ênfase nas Escrituras na soberania de Deus, não é sustentado que haja sempre um motivo divino específico para todos os acontecimentos. A visão do mundo como plano está, na verdade, enraizada numa leitura desequilibrada da Bíblia.

A Bíblia também enfatiza que agentes criados por Deus, humanos e anjos, podem resistir à Sua vontade. Os humanos e os anjos caídos podem entristecer o Espírito de Deus e frustrar parcialmente os Seus propósitos (Gn 6:6; Is 63:10; Lc 7:30; At 7:51; Ef 4:30; Hb 3:8,15; 4:7). A vontade geral de Deus para a história não pode falhar, mas a vontade particular para indivíduos frequentemente não se cumpre. Deus não deseja que ninguém pereça eternamente. No entanto, muitos escolhem esse destino (1 Tm 2:4; 2 Pe 3:9).

Há um motivo dominante em toda a Escritura, talvez o seu motivo central, que retrata Deus a lutar contra opositores humanos e angélicos capazes de frustrar a Sua vontade. Embora o motivo da soberania divina continue presente, ele é qualificado por este outro, que mostra Deus a tentar estabelecer a Sua vontade "na terra como no céu" (Mt 6:10).

Deus luta genuinamente contra criaturas rebeldes. A cabeça dessa rebelião é Satanás, um anjo caído poderoso. Sob o seu comando estão outros seres espirituais e humanos que recusam submeter-se ao governo de Deus. Esta rebelião é descrita como um reino (Mt 12:26; Cl 1:13; Ap 11:15). É certo que Deus acabará por derrotá-lo, mas, até lá, Ele está empenhado numa guerra real.

Este motivo expressa a **visão do mundo em guerra** (*warfare worldview*). Todos os eventos na

história e a narrativa bíblica são melhor compreendidos neste pano de fundo: o mundo está literalmente envolvido numa guerra espiritual entre Deus e Satanás. A diferença principal entre esta e a visão do mundo como plano é que **a primeira não assume que existe um motivo divino específico para o que fazem Satanás e outros agentes malignos**. Pelo contrário, Deus combate esses oponentes precisamente porque os seus propósitos contradizem os d'Ele.

O sofrimento assume um significado diferente quando visto à luz de uma guerra cósmica. As vítimas de tragédias não são "lições" enviadas por Deus, mas **vítimas de guerra**. Em vez de procurar o motivo de Deus para que o mal tenha ocorrido, compreende-se que o mal é fruto da atividade de agentes livres e rebeldes. Confia-se em Deus para consolo, para a redenção do mal, e para a esperança de que a guerra um dia terminará.

A Tese Desta Obra

Tal como a visão do plano, a visão do mundo em guerra também levanta uma dificuldade:

> *"Como pode ser compatível com a crença num Deus todo-poderoso?"*

Se rejeita que Deus tenha sempre uma razão específica para não impedir o mal, então deve aceitar que às vezes **Deus não é capaz de o impedir**. Como conciliar isso com a omnipotência divina?

A resposta reside na **natureza do amor**. Sendo Pai, Filho e Espírito Santo, Deus é, em essência, amor (1 Jo 4:8,16). Criou o mundo para expressar o Seu amor trinitário e convidar outros a partilhá-lo (Jo 17:20–25).

> *"Não era logicamente possível que Deus tivesse esse objetivo sem arriscar a possibilidade de guerra surgir na criação."*

Se Deus desejava amor verdadeiro por parte de criaturas contingentes, teve de aceitar a possibilidade da sua negação, a guerra.

Ao longo da obra, são defendidas seis teses essenciais, que decorrem da convicção de que Deus criou o mundo para partilhar o Seu amor trinitário. Estas teses tornam inteligível a visão do mundo em guerra e o estado de sofrimento do mundo.

Notas de rodapé

[1] Ex: hinos como "My Times Are in Thy Hand" e "Day by Day and with Each Passing Moment".
[2] *City of God* 5.9 (NPNF 1 2:92).
[3] *Enchiridion*, LCC, ed. J. Baillie et al., trad. A. C.

Outler (Philadelphia: Westminster, 1955), p. 400.
[4] *Ibid.*, p. 395.
[5] *Ibid.*, p. 389.
[6] *City of God* 5.10 (NPNF 1 2:93).
[7] Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, ed. J. McNeill, trad. F. L. Battles (Philadelphia: Westminster, 1960), pp. 198–199.
[8] Irmão Lourenço, *The Practice of the Presence of God*, trad. J. Delaney (Garden City, NY: Image, 1977), pp. 95–96, 100.
[9] Termo próprio da teodiceia desenvolvida nesta obra; ver glossário.
[10] Kenneth Surin, *Theology and the Problem of Evil* (Oxford: Blackwell, 1986); Terrence W. Tilley, *The Evils of Theodicy* (Georgetown University Press, 1990); M. Scott, "The Morality of Theodicies", *RelS* 32 (1996): 1–13.
[11] Walter Kaufmann (ed.), *Religion from Tolstoy to Camus* (New York: Harper & Row, 1961), pp. 137–44.

O MUNDO EM GUERRA

1. A Visão do Mundo em Guerra na Bíblia e na Igreja Primitiva

"E houve guerra no céu: Miguel e os seus anjos combateram contra o dragão. O dragão e os seus anjos combateram, mas foram derrotados, e não se encontrou mais lugar para eles no céu. O grande dragão foi lançado fora, a antiga serpente, chamada Diabo e Satanás, o sedutor do mundo inteiro, foi lançado para a terra, e com ele foram lançados os seus anjos."
Apocalipse 12:7–9

"Quem nunca ouviu o que se relata daquele que é chamado 'diabo' e dos seus 'anjos', e o que ele era antes de se tornar diabo, e como se tornou tal, e qual foi a causa da apostasia simultânea daqueles que são chamados seus anjos, não será capaz de compreender a origem dos males."
Orígenes, *Primeiros Princípios*

"Nenhuma teodiceia que não leve plenamente em conta o Diabo é suscetível de ser persuasiva."
Jeffrey B. Russell, *Mephistopheles*

"A guerra é o pai de todas as coisas e o rei de todas."
Heraclito

Este capítulo tem como objetivo dar sentido filosófico à visão do mundo em guerra tal como expressa na Bíblia. Como pode a representação

bíblica de Deus a lutar para realizar a sua vontade contra agentes que genuinamente a resistem ser reconciliada com o testemunho uniforme da Escritura de que Deus é todo-poderoso? A resposta, como será sustentado, encontra-se nas condições necessárias para que criaturas possam amar. Mas, antes de examinar essas condições, é necessário compreender plenamente os dados bíblicos que dão origem a essa questão.

Para tal, começa-se por explorar as várias formas como o Antigo Testamento expressa uma visão do mundo em guerra. Em seguida, aborda-se como o ministério de Jesus reflete essa visão, bem como a forma como ela se desenvolve no restante do Novo Testamento. Por fim, conclui-se com uma análise breve da mentalidade guerreira refletida nos escritos dos pais pós-apostólicos. A tese defendida é que, por mais que a Escritura enfatize o controlo soberano de Deus, o motivo recorrente da guerra sugere que nem tudo é controlado por Ele. Uma implicação importante disso é que não se pode pressupor uma razão divina específica para o comportamento de seres que resistem à vontade de Deus.

A Visão do Mundo em Guerra no Antigo Testamento

Em contraste com o Novo Testamento, onde Satanás tem um papel central, no Antigo Testamento ele surge de forma discreta. A visão de guerra no Antigo Testamento manifesta-se antes em imagens como o combate de Deus contra as águas hostis, contra monstros cósmicos e contra outros deuses.

Repreendendo as águas hostis

Tal como os povos vizinhos do antigo Médio Oriente, os israelitas acreditavam que a terra estava assente sobre águas e rodeada por elas (cf. Sl 104:2–3, 5). Essas águas eram frequentemente representadas como forças caóticas ou hostis, símbolos da ameaça ao mundo ordenado que Deus criou. O Criador, assim, precisava de combater para preservar essa ordem.

Enquanto os mitos vizinhos atribuíam a deuses diversos a função de conter o caos, os autores bíblicos insistem que só o SENHOR é quem domina essas águas. É o Seu "grito" que as faz fugir. É ao som do Seu trovão que elas se dispersam (Sl 104:7). É apenas ao vê-lo que elas recuam (Sl 77:16). O SENHOR é quem lhes traça limites (Sl 104:9; cf. Jó 38:6–11; Pr 8:27–29), e é Ele quem as derrota e cavalga sobre o

mar com os Seus cavalos de guerra (Hab 3:15). Ele está entronizado sobre "as muitas águas" (Sl 29:3–4, 10).

Jon Levenson comenta:

> *"O Mar [é] uma força algo sinistra que, deixada à sua sorte, submergiria o mundo e impediria a realidade ordenada a que chamamos criação. O que impede esta possibilidade assustadora é o domínio de YHWH, cujo sopro e trovão... forçam o Mar a ocupar o seu devido lugar."*[1]

Os autores bíblicos exaltam a soberania de Deus precisamente porque creem que estas forças são reais e formidáveis. A vitória de Deus sobre elas não é simbólica, mas resultado de confronto genuíno. [2]

Leviatã e Rahab

Outra forma como os israelitas expressavam este combate cósmico era através da figura de monstros marinhos: o **Leviatã** e **Rahab**.

Leviatã, à semelhança do mito cananeu, é descrito como uma serpente marinha retorcida, com várias cabeças (Sl 74:14), capaz de cuspir fogo e fumo (Jó 41:18–21), resistente a armas humanas (Jó 41:26–27). Mas, o SENHOR não é impotente perante ele. No início da criação e em batalhas subsequentes, "quebrou as cabeças dos dragões nas águas", "esmigalhou as cabeças de Leviatã" (Sl 74:13–14).

Isaías profetiza que, no fim dos tempos, "o SENHOR castigará com a sua espada dura, grande e forte, o Leviatã... e matará o dragão que está no mar" (Is 27:1).[3]

Do mesmo modo, **Rahab** representa uma criatura cósmica das águas, inimiga de Deus. A ira divina desfaz os seus aliados (Jó 9:13). A sabedoria divina "cortou Rahab em pedaços" (Jó 26:12–13; cf. Sl 89:9–10; Is 51:9). Quando Israel foi libertado do Egipto, esse evento foi descrito como uma nova derrota de Rahab (Is 51:10; cf. Sl 77:16).

A relação entre estes monstros cósmicos e impérios terrestres é clara: o Egipto é designado como Rahab (Sl 87:4; Is 30:7), e a Babilónia como uma serpente que devora Israel (Jr 51:34–55). Derrotar estas nações, simbolicamente é participar na guerra de Deus contra as forças do caos.

Batalha entre os "deuses"

Os autores do Antigo Testamento também reconheciam a existência de seres celestes poderosos, chamados deuses, filhos de Deus ou anjos, que formavam um conselho celeste onde se tomavam decisões (1 Rs 22:20; Jó 1:6; 2:1; Sl 82:1; 89:7; Dn 7:10). Embora criados por Deus, esses seres eram livres e, por vezes, opunham-se à Sua vontade.

Alguns deles, os "filhos de Deus", uniram-se a mulheres humanas, gerando gigantes (Gn 6:1–4). O "príncipe da Pérsia" impediu durante dias uma resposta divina à oração de Daniel (Dn 10). O deus Quemos ajudou os moabitas a derrotar Israel quando o rei sacrificou o seu filho (2 Rs 3:21–27).[4]

O Salmo 82 oferece o exemplo mais claro da liberdade e oposição desses "deuses":

> *"Deus levanta-se na assembleia divina, no meio dos deuses profere o seu julgamento: 'Até quando julgareis injustamente e favorecereis os ímpios? Fazei justiça ao fraco e ao órfão... Eu disse: Sois deuses, filhos do Altíssimo, todos vós; contudo, morrereis como homens.'" (Sl 82:1–7)*

Estes deuses tinham a função de promover a justiça, mas falharam. Deus ameaça-os com morte, demonstrando que, embora poderosos, não são invencíveis.

Guerra no Ministério de Jesus

No Novo Testamento, a guerra espiritual torna-se o pano de fundo dominante. Jesus vê-se como o protagonista dessa batalha cósmica.

Satanás é o "príncipe deste mundo" (Jo 12:31; 14:30; 16:11). No deserto, oferece a Jesus todos os reinos da Terra, e Jesus não contesta a sua autoridade (Lc 4:5–6). Outros textos confirmam que

"o mundo inteiro jaz no maligno" (1 Jo 5:19), pois ele é "o deus deste século" (2 Co 4:4), "o príncipe da potestade do ar" (Ef 2:2).

Satanás lidera um exército de demónios, os seus "anjos" (Mt 25:41), e é o "chefe dos demónios" (Mt 9:34). Jesus refuta a ideia de que expulsa demónios pelo poder de Satanás com o argumento lógico de que um reino dividido contra si mesmo não pode subsistir (Mc 3:24).

Jesus apresenta o seu ministério como a chegada do Reino de Deus que expulsa o reino de Satanás (Mt 12:28). Fala de "amarrarem o homem forte" (Satanás) para libertar os seus bens (as pessoas) (Mc 3:27). Os exorcismos são sinais dessa invasão do domínio demoníaco pelo Reino divino.

Notas de rodapé

[1] Jon Levenson, *Creation and the Persistence of Evil*, p. 22.
[2] Levenson; John Gray, *The Biblical Doctrine of the Reign of God*; Adrio König, *Here Am I!*
[3] Cf. Ap 12:3, 9, "o grande dragão… o Diabo e Satanás".
[4] Cf. Jz 11:24; sobre "deuses das nações" ver: Gregory A. Boyd, *God at War*, pp. 114–142.

A QUEDA LIVRE

2. O Livre-Arbítrio e a Origem do Mal

"O Criador não impôs o bem, pois não há bondade onde há coação, mas propôs o bem... a fim de que o bem seja verdadeiramente bom quando provém da livre escolha."
Irineu, *Contra as Heresias*

"O homem foi feito à imagem de Deus, e era por natureza livre e senhor da sua vontade... O homem podia e devia permanecer imortal se tivesse guardado o mandamento de Deus."
Atanásio, *Sobre a Encarnação*

"A origem do mal não está na substância, nem na natureza, mas na vontade."
Agostinho, *Sobre o Livre Arbítrio*

Este capítulo propõe uma resposta à questão fundamental: **Como pode um Deus todo-poderoso criar um mundo onde a Sua vontade não é sempre feita?**

A resposta consiste em compreender o que significa criar **criaturas com amor verdadeiro**. Tal criação requer liberdade. Mas **a liberdade implica a possibilidade de resistir a Deus**, e, por consequência, de produzir mal.

O argumento central é que **Deus criou o mundo como arena para relações livres de amor com**

criaturas que, embora limitadas, têm autonomia suficiente para escolher contra a Sua vontade. A partir desta liberdade real emerge a possibilidade de rejeição de Deus, ou seja, o pecado e o mal.

Criaturas Feitas à Imagem de Deus

A Bíblia ensina que os seres humanos foram criados à imagem e semelhança de Deus (Gn 1:26–27). Isso inclui, no mínimo, que possuam capacidade para conhecer Deus, para amar, e para agir moralmente, ou seja, **livre-arbítrio relacional**.

Esta liberdade não é absoluta. Apenas Deus é absolutamente livre. Contudo, os seres criados podem agir de maneira relativamente independente. Esta independência, ainda que limitada, é o que **torna possível o amor genuíno**.

"O amor, por definição, deve ser livre. Nenhuma criatura pode ser programada para amar. Isso faria dela um autómato, não um amante."

Logo, se o objetivo de Deus ao criar foi ter criaturas que O amassem livremente, então **era logicamente necessário que lhes fosse concedido poder de escolha**, mesmo contra Ele.

A Origem do Mal na Vontade Livre

A Escritura sugere que a origem do mal está na **rebelião voluntária** de criaturas que escolheram opor-se a Deus (Gn 3; Is 14:12–15; Ez 28:11–19; Ap 12:7–9). A tradição cristã antiga, refletida nos pais da Igreja, sustenta que **Deus criou os anjos e os humanos bons e livres**, mas que alguns deles caíram por escolha própria.

> *"O Criador não impôs o bem... mas propôs o bem... para que o bem fosse realmente bom ao vir da escolha livre" (Irineu).*
>
> *"A origem do mal não está na substância, nem na natureza, mas na vontade" (Agostinho).*

Tal entendimento mantém que **o mal não tem uma causa última em Deus**, mas nasce de criaturas que abusam da liberdade que lhes foi dada. A liberdade tem, assim, um preço: o risco da queda.

"Se não houvesse risco, não haveria liberdade. E sem liberdade, não haveria amor."

Objeção: Deus não sabia?

Uma objeção comum é: **Se Deus sabia que os seres criados iriam cair, porque os criou?** A resposta é dupla:

1. Deus sabia que criar seres livres implicaria risco, mas **considerou esse risco justificável** pela possibilidade do amor verdadeiro.
2. Mesmo o mal que resulta da liberdade será, no fim, superado por Deus para um bem maior, **sem que Ele tenha sido o autor do mal**.

A liberdade dada por Deus é, portanto, **genuína, mas limitada**. Nenhum ser criado tem poder para derrotar os propósitos últimos de Deus, mas **pode frustrar a Sua vontade para si mesmo e para outros**.

A Queda dos Anjos

A Bíblia sugere que **antes da queda humana, já tinha ocorrido uma queda angélica** (cf. 2 Pe 2:4; Jd 6; Ap 12:4,9). Estes "anjos que não guardaram o seu estado original" (Jd 6) rebelaram-se contra Deus e passaram a lutar contra os Seus propósitos.

É nesse contexto que a queda de Adão e Eva é interpretada, não como um evento isolado, mas como parte de uma guerra cósmica mais ampla. A serpente no Éden não é um animal qualquer, mas **um ser espiritual já caído** (Ap 12:9).

"A rebelião de Satanás e seus anjos é a origem derradeira da oposição à vontade de Deus."

Criaturas com Capacidade Real de Influência

Se os seres criados foram dotados de liberdade, então também receberam **capacidade real para influenciar o mundo**, para o bem ou para o mal. Este poder é proporcional ao grau de liberdade concedido. Quanto maior a liberdade, maior a responsabilidade e maior o impacto potencial.

Por isso, a ação de Satanás e outros seres caídos **pode ter consequências cósmicas**, que explicam inclusive aspetos do mal natural, desastres, doenças, e deformações genéticas, não imputáveis diretamente à ação humana.

Conclusão

O mal não veio de Deus. Ele surgiu como **consequência necessária da liberdade conferida por Deus a criaturas morais**.

"Criar um mundo de amor exigia permitir um mundo com risco de guerra."

A origem do mal está na vontade de criaturas que **se afastaram do amor**, não está na vontade divina.

Referências Bíblicas incluídas neste capítulo:

- Génesis 1:26–27
- Génesis 3
- Isaías 14:12–15
- Ezequiel 28:11–19
- Mateus 25:41
- João 12:31; 14:30; 16:11
- 1 João 5:19
- 2 Coríntios 4:4
- Efésios 2:2
- Judas 6
- 2 Pedro 2:4
- Apocalipse 12:4, 7–9

Notas de rodapé

1. Irineu, *Contra as Heresias*, 4.37.1.
2. Atanásio, *Sobre a Encarnação*, sec. 3.
3. Agostinho, *Sobre o Livre-Arbítrio*, 3.
4. Cf. *City of God*, 12.6–12.9; Orígenes, *De Principiis*, 1.5.
5. Gregório de Nissa, *Sobre a Criação do Homem*, cap. 16.
6. Tertuliano, *Contra Marcião*, 2.5; cf. Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I, q.63.

UMA CRIAÇÃO ARRISCADA

3. A Presciência Divina e a Visão Trinitária de Guerra

"Pois o amor que não é livre não é amor. E se o amor é livre, então ele é sempre arriscado."
Nicholas Wolterstorff

"Se o futuro é eternamente e infalivelmente fixado no conhecimento divino, então a liberdade é apenas aparente e não real. Pois nenhum ser pode fazer o que Deus infalivelmente sabe que não fará."
Richard Rice

"O futuro é real. A liberdade é real.
O risco é real. O amor é real."
Clark Pinnock

Este capítulo explora uma questão central à visão do mundo em guerra: **Como pode o risco ser real se Deus conhece infalivelmente tudo o que acontecerá?**

A visão tradicional da providência assume que Deus possui presciência exaustiva e infalível de todos os eventos futuros, incluindo cada escolha humana. Contudo, se o futuro está eternamente fixado na mente de Deus, então **a liberdade é apenas ilusória**. E se a liberdade não é real, então **o risco também não é real**. E, portanto, **o amor não é real**.

A visão trinitária da guerra sustenta que Deus é todo-poderoso, perfeitamente bom, e perfeitamente amoroso. Mas, precisamente porque Deus é amor, **criou um mundo de agentes livres**, e, com isso, um mundo com risco genuíno. A questão, então, é se este risco pode coexistir com a presciência infalível.

Presciência Exaustiva: Um Problema para a Liberdade

Na teologia tradicional, especialmente desde Agostinho, afirma-se que **Deus conhece infalivelmente todo o futuro desde toda a eternidade**. Esta presciência é considerada parte da omnisciência divina. Mas isso levanta um problema lógico:

"Se Deus sabe desde toda a eternidade que eu farei X amanhã, então não posso fazer outra coisa senão X. Porque, se fizesse outra, Deus teria estado enganado, o que é impossível."

O futuro, nesse caso, **não é aberto**, mas **eternamente fixo**. Logo, o livre-arbítrio deixa de ser genuíno. Os agentes criados **seguem um guião pré-conhecido**, não têm poder para alterar o curso da história. O mal que cometem, mesmo que não tenha sido diretamente desejado por Deus, **foi conhecido**

como inevitável, e, por isso, incluído no plano divino.

A Alternativa: O Futuro como Parcialmente Aberto

A visão trinitária da guerra propõe uma alternativa: **Deus conhece o futuro como uma realidade parcialmente determinada e parcialmente aberta**.

Deus conhece como certos os eventos que Ele decretou ou que são logicamente inevitáveis. Mas, as escolhas livres de criaturas livres **ainda não existem para serem conhecidas como factos concretos**.

Deus conhece **todas as possibilidades**, sabe tudo o que poderia acontecer, e todas as consequências possíveis de cada decisão, mas **não conhece como factos atuais as decisões livres que ainda não foram tomadas**.

"Deus conhece perfeitamente o que pode acontecer, mas não tudo o que irá acontecer, porque algumas coisas dependem da liberdade das Suas criaturas."

Essa visão é muitas vezes chamada de **presciência dinâmica** ou **teísmo aberto** (*open theism*).

Objeção: Deus não é assim menos Deus?

Um argumento comum é que, se Deus não conhece infalivelmente tudo o que vai acontecer, **então deixa de ser Deus**. A resposta é que o poder e a sabedoria de Deus não dependem de um futuro pré-fixado. Pelo contrário, **a grandeza de Deus manifesta-se precisamente na Sua capacidade de lidar com a liberdade real das Suas criaturas**.

"A soberania divina não é ameaçada por um futuro aberto; ela brilha ainda mais porque Deus triunfa sem manipular."

Deus não precisa de controlar todas as decisões para alcançar os Seus propósitos. Ele **prevê todas as possibilidades**, responde criativamente a cada nova situação, e **garante que o Seu plano final será realizado**, sem abolir a liberdade.

A Bíblia e o Futuro Aberto

A Escritura contém muitos textos que pressupõem um futuro parcialmente indeterminado. Exemplos incluem:

- Deus **lamenta** certas ações (Gn 6:6; 1 Sm 15:11).
- Deus **muda de plano** conforme a resposta humana (Êx 32:14; Jn 3:10).
- Deus **testa** as pessoas para "ver o que farão" (Gn 22:12; Dt 8:2).

- Jesus afirma não saber o dia do fim (Mc 13:32).

Tais textos não fazem sentido num sistema de presciência exaustiva infalível. Sugerem, antes, que **Deus interage em tempo real com criaturas livres**.

Liberdade, Amor e Risco

Se o amor é livre, e a liberdade implica risco, então **Deus criou deliberadamente um mundo onde nem tudo está determinado**. Isso não significa que o mundo é caótico. Pelo contrário, é um mundo ordenado com espaço para o amor e para a rejeição do amor.

"Deus podia ter criado um mundo onde ninguém o rejeitaria. Mas nesse mundo, ninguém também O amaria livremente."

O risco é, portanto, o **preço da liberdade**, e a liberdade é a **condição do amor**.

Conclusão

A visão trinitária da guerra exige uma compreensão dinâmica da presciência divina. Deus não conhece o futuro como um filme já editado, mas como uma **história viva em interação com agentes livres**.

Deus continua soberano, mas **escolheu criar um mundo onde o amor, e não o controlo absoluto, é o valor supremo**.

"O futuro é real. A liberdade é real. O risco é real. O amor é real." (Clark Pinnock)

Referências bíblicas incluídas neste capítulo:

- Génesis 6:6
- Génesis 22:12
- Êxodo 32:14
- Deuteronómio 8:2
- 1 Samuel 15:11
- Jonas 3:10
- Marcos 13:32

Notas de rodapé

1. Nicholas Wolterstorff, citado em Pinnock et al., *The Openness of God*, p. 98.
2. Richard Rice, *God's Foreknowledge and Man's Free Will*, p. 49.
3. Clark Pinnock, *Most Moved Mover*, p. 113.
4. David Basinger, *The Case for Freewill Theism*, p. 22.
5. Gregory A. Boyd, *God of the Possible*, pp. 15–42.

UMA QUESTÃO DE EQUILÍBRIO

4. Questões em Torno da Presciência de Deus e da Abertura do Futuro

"A soberania de Deus não está em competir
com o livre-arbítrio, mas em criar um mundo
onde o amor seja possível."
Clark Pinnock

"A Escritura não apenas permite, mas exige
que pensemos em Deus de forma
pessoal, responsiva e relacional."
Gregory A. Boyd

Este capítulo aborda um conjunto de preocupações que surgem a partir da visão de que **Deus conhece o futuro como parcialmente aberto**. Ainda que essa ideia permita compreender melhor a liberdade criada, o risco e o amor, ela suscita objeções teológicas e práticas que requerem resposta.

O objetivo é apresentar um equilíbrio entre dois polos:

1. A afirmação da soberania e perfeição de Deus;
2. A defesa da liberdade real das criaturas.

O Perigo da Redução Filosófica

Uma das primeiras questões é epistemológica e metodológica. Há quem argumente que a ideia de um futuro aberto resulta mais de especulação filosófica do que de revelação bíblica.

A resposta é que a **visão de Deus como relacional, responsivo, e amoroso não é uma construção filosófica, mas uma leitura atenta da Escritura**. A Bíblia retrata Deus como alguém que:

- **Se arrepende** (Gn 6:6; 1 Sm 15:11; Jn 3:10);
- **Muda de ideia** (Êx 32:14; Am 7:3,6);
- **Responde às orações** (2 Rs 20:5–6; Tg 5:16);
- **É afetado pelo comportamento humano** (Ef 4:30).

Essas descrições devem ser levadas a sério e não descartadas como antropomorfismos simplistas. O Deus das Escrituras **entra em relação genuína com a criação**.

A Soberania de Deus e a Liberdade Criada

Outra questão diz respeito à soberania. Será que Deus deixa de ser soberano se o futuro é, em parte, indeterminado?

A resposta é que a soberania bíblica não exige controlo meticuloso de todas as decisões livres. O conceito de soberania que decorre da Escritura é

dinâmico e relacional. Deus não precisa de determinar tudo para garantir que o Seu propósito global seja cumprido.

"Deus é suficientemente sábio e poderoso para realizar os Seus fins sem coagir ou predeterminar todas as escolhas."

Soberania não é sinónimo de determinismo. Pelo contrário, é precisamente porque Deus é soberano que pode dar liberdade real às Suas criaturas e ainda assim cumprir o Seu plano eterno.

A Infalibilidade da Profecia

Muitos objetam que a abertura do futuro é incompatível com a existência de profecias bíblicas precisas. Como poderia Deus predizer o futuro se ele ainda não está fixado?

A resposta está em distinguir entre:

1. **Eventos determinados por Deus**, que Ele garante que acontecerão (Is 46:10–11);
2. **Eventos condicionais**, cuja realização depende da resposta humana (Jr 18:7–10; Jn 3:4,10);
3. **Eventos livres, probabilisticamente previstos**, com base na sabedoria divina.

Além disso, **Deus pode intervir soberanamente para assegurar que certas profecias se cumpram**, sem que isso implique que todo o futuro esteja fixado.

"A abertura do futuro não significa ausência de previsão, mas a coexistência de certeza e possibilidade."

A Confiança no Plano de Deus

Outro receio comum é que, se Deus não conhece de antemão todas as escolhas, então **não podemos confiar que Ele cumprirá o Seu plano**.

Mas essa preocupação parte do pressuposto de que **o conhecimento exaustivo do futuro é a única base segura para confiar em Deus**. Isso não é ensinado na Escritura.

A nossa confiança baseia-se:

- No **caráter de Deus**, revelado em Jesus Cristo (Jo 14:9);
- Na **fidelidade histórica de Deus** (Sl 136);
- Na **garantia da ressurreição**, que confirma que Deus triunfa sobre o mal (1 Co 15:20–28).

A abertura do futuro não mina a confiança; pelo contrário, permite confiar num Deus **vivo, interativo e fiel**.

Implicações Pastorais

A teologia da abertura do futuro tem implicações práticas relevantes:

- Dá sentido ao sofrimento como **algo que Deus não desejou nem determinou**, mas que **partilha e redime** (Rm 8:28–39);
- Valoriza a oração como **relação genuína** com Deus, que pode influenciar decisões divinas (Lc 11:9–13);
- Fortalece a responsabilidade moral, pois **as escolhas têm consequências reais**.

"O futuro está em parte nas mãos de Deus, e em parte nas nossas. Esta parceria é o coração da vida cristã."

Conclusão

A visão do futuro aberto não nega a soberania, a providência, nem a perfeição de Deus. Ela apenas **reformula esses conceitos** à luz da revelação bíblica de um Deus **pessoal, amoroso, relacional e guerreiro**.

"O Deus da Bíblia não é um manipulador cósmico, mas um Pai que luta pela resposta amorosa das Suas criaturas."

Referências bíblicas incluídas neste capítulo:

- Génesis 6:6
- Êxodo 32:14
- 1 Samuel 15:11
- 2 Reis 20:5–6
- Jonas 3:10
- Amós 7:3,6
- Isaías 46:10–11
- Jeremias 18:7–10
- Mateus 25:41
- Lucas 11:9–13
- João 14:9
- Romanos 8:28–39
- 1 Coríntios 15:20–28
- Tiago 5:16
- Efésios 4:30
- Salmo 136

Notas de rodapé

1. Clark Pinnock, *Most Moved Mover*, p. 37.
2. Gregory A. Boyd, *God of the Possible*, pp. 67–94.
3. John Sanders, *The God Who Risks*, pp. 121–167.
4. Terence Fretheim, *The Suffering of God*, cap. 4.
5. David Basinger, *The Case for Freewill Theism*, cap. 5.
6. Richard Rice, *The Openness of God*, pp. 22–33.

AMOR E GUERRA

5. Risco e a Soberania de Deus

"A soberania de Deus não significa controlo absoluto sobre cada evento, mas a capacidade de governar um mundo onde o amor é possível."
Gregory A. Boyd

"Deus é tão soberano que pode abrir mão do controlo para permitir liberdade real, sem nunca perder o governo último."
Clark Pinnock

"Amor é dar espaço. Amor é risco.
Amor é vulnerabilidade."
Nicholas Wolterstorff

Este capítulo concentra-se na aparente tensão entre dois princípios centrais da teologia cristã: a soberania de Deus e o risco que a liberdade criada impõe. Como é que um Deus soberano pode correr riscos? A resposta reside na natureza do próprio amor.

A visão tradicional associa soberania a controlo total. Nessa perspetiva, Deus está no controlo direto de cada detalhe da história. Mas tal conceito de soberania **não corresponde ao retrato bíblico de Deus** como ser relacional, paciente, amoroso e vulnerável. O capítulo desenvolve o argumento de que

a soberania de Deus é melhor entendida não como dominação, mas como **senhorio baseado no amor**.

O Amor que Rende Poder

"O amor verdadeiro não controla, manipula, força. Ele convida, espera, sofre."

Amar significa abrir mão do controlo. Deus, sendo amor (1 Jo 4:8,16), **governa através do amor**. E o amor implica dar liberdade ao outro, o que significa **aceitar o risco da rejeição**.

Por isso, **o Deus soberano é também o Deus que sofre** (Is 63:9; Os 11:8; Mt 23:37). A Sua grandeza está em **governar um mundo livre sem nunca coagir o amor**.

Soberania como Capacidade de Assumir Risco

Soberania não é sinónimo de controlo meticuloso, mas de **autoridade suprema e fidelidade inabalável**. Deus é suficientemente poderoso para **assumir riscos reais sem comprometer o seu plano último**.

"Deus não precisa de prever cada detalhe para ser soberano. Ele é suficientemente sábio para triunfar em qualquer cenário."

Este modelo vê Deus como um estratega mestre que **reage livremente, intervém com sabedoria e redime criativamente**, mesmo em contextos de desobediência e caos (Gn 50:20; Rm 8:28).

A Grandeza Divina na Flexibilidade

A grandeza de Deus não reside em programar tudo de antemão, mas em **adaptar-Se criativamente às decisões livres das Suas criaturas**, e ainda assim **alcançar a vitória final**. Isso é o que se vê em toda a narrativa bíblica:

- Deus **lamenta** o que acontece (Gn 6:6);
- Deus **ajusta planos** em função da resposta humana (Êx 32:14; Jn 3:10);
- Deus **entra no sofrimento humano** (Jo 1:14; Hb 2:14–18);
- Deus **vence através da cruz**, e não pela força (Cl 2:15; 1 Co 1:18–25).

A cruz é o ponto culminante da soberania divina. É onde Deus **reina pela vulnerabilidade**, **vence ao sofrer** e **conquista sem dominar**.

O Amor que Sofre

Sendo Deus amor, e criando um mundo com liberdade, **Deus escolheu sofrer** com a criação.

"A verdadeira soberania é a coragem de amar num mundo de risco."

Deus não está distante do sofrimento:

- Chora por Jerusalém (Lc 19:41);
- Geme com a criação (Rm 8:22–27);
- É "*o Cordeiro morto desde a fundação do mundo*" (Ap 13:8).

A autoridade divina manifesta-se **no serviço, no perdão, no sofrimento partilhado**. Esta é a soberania **trinitária**, em que o Pai entrega o Filho, e o Espírito geme com os que sofrem.

Implicações da Soberania Amorosa

Esta conceção de soberania transforma a forma como se encara:

1. **O sofrimento**: não é desejado por Deus, mas compartilhado e redimido;
2. **A oração**: não muda um plano fixo, mas **move um Deus vivo**;
3. **A missão**: não é executar um guião predestinado, mas **cooperar com o Espírito numa história viva**;
4. **A fé**: não é resignação, mas **confiança ativa num Deus envolvido e fiel**.

Conclusão

Deus é soberano precisamente porque é amor. Ele reina **não apesar do risco**, mas **através dele**. A criação não é um teatro controlado por fios invisíveis, mas **um drama real de liberdade, risco e redenção**, conduzido por um Deus que não precisa de dominar para triunfar.

"Deus é soberano o suficiente para não ter de controlar tudo."

Referências bíblicas incluídas neste capítulo:

- Génesis 6:6
- Génesis 50:20
- Êxodo 32:14
- Isaías 63:9
- Oséias 11:8
- Mateus 23:37
- Lucas 19:41
- João 1:14
- Romanos 8:22–28
- 1 Coríntios 1:18–25
- Colossenses 2:15
- Hebreus 2:14–18
- 1 João 4:8,16
- Apocalipse 13:8

Notas de rodapé

1. Clark Pinnock, *Most Moved Mover*, cap. 2.
2. Nicholas Wolterstorff, "Suffering Love", in *The God We Worship*, pp. 89–106.
3. Gregory A. Boyd, *God at War*, cap. 9.
4. David Basinger, *The Case for Freewill Theism*, cap. 6.
5. Terence Fretheim, *The Suffering of God*, passim.

SEM VOLTA ATRÁS

6. A Irrevogabilidade e a Finitude da Liberdade

"Deus criou seres livres, e isso significa que eles podem rejeitar a Deus. Mas essa liberdade tem limites, tanto morais quanto ontológicos."
Gregory A. Boyd

"A liberdade criada, se usada contra o seu próprio fundamento, corrói-se. O mal é autodestrutivo."
C. S. Lewis

Este capítulo examina os limites da liberdade criada. Se Deus concedeu liberdade genuína a anjos e humanos, isso implica que eles podem rebelar-se. Mas há duas questões fundamentais:

1. **Essa liberdade pode ser revogada por Deus a qualquer momento?**

2. **Essa liberdade pode subsistir eternamente em oposição a Deus?**

A resposta, no contexto da visão trinitária da guerra, é dupla:

- A liberdade criada é **irrevogável a curto prazo**, por causa da integridade do amor de Deus e da responsabilidade das Suas criaturas;
- Mas a liberdade criada é também **finita**: ela não pode sustentar-se eternamente em rebelião contra Deus. O mal é instável, autodestrutivo, e será vencido.

A Irrevogabilidade da Liberdade

Deus poderia anular a liberdade dos Seus seres criados a qualquer momento. Mas **não o fará** sem minar o próprio propósito da criação: relações de amor.

"Deus dá liberdade verdadeira e, por isso, compromete-Se com as decisões feitas por essa liberdade."

Esse compromisso inclui a disposição de **sofrer com a criação** enquanto esta luta com as consequências do abuso da liberdade.

Se Deus revogasse a liberdade mal usada sempre que ela causasse dor, então os seres não seriam verdadeiramente livres. Agiriam sob a ameaça de coerção. Tal controlo, embora eficiente, **aniquilava o amor**.

A liberdade, assim, implica que **Deus deve permitir que decisões más gerem efeitos reais**, mesmo efeitos profundos e duradouros.

Liberdade como Responsabilidade Real

A liberdade tem um preço. E esse preço é a responsabilidade.

"Ao criar seres com vontade própria, Deus sujeitou-Se à possibilidade de oposição, e ao sofrimento que isso implica."

É por isso que, mesmo quando os humanos causam destruição massiva (guerras, genocídios, exploração), Deus **não intervém automaticamente**. Ele respeita a liberdade concedida. Mas isso não significa passividade. Deus está **ativo no sofrimento**, lutando para redimir e restaurar (Rm 8:28; Jo 5:17).

A Finitude da Liberdade Criada

Embora Deus não revogue a liberdade imediatamente, a Escritura sugere que **essa liberdade não pode sustentar-se eternamente contra Deus**.

O pecado, como separação de Deus, **é autodestrutivo por natureza**. Não se pode persistir

indefinidamente. Com o tempo, **corrói a própria capacidade de escolher**, conduzindo ao endurecimento, alienação, e finalmente à ruína (Rm 1:24–28; Ef 4:17–19).

"A liberdade que escolhe afastar-se da Fonte da vida está a destruir-se."

Por isso, a rebelião dos seres criados, embora real e terrível, **tem um fim garantido**. O mal será extinto, não porque Deus o aniquile por decreto, mas porque **não pode perpetuar-se na realidade criada** (Ap 21:1–4; 1 Co 15:24–28).

O Julgamento como Colapso da Liberdade Corrompida

O julgamento divino, neste contexto, é muitas vezes **a retirada da graça sustentadora**. Deus entrega o pecador às consequências do seu caminho (Sl 81:12; Os 4:17; Rm 1:24–28).

Isso não é punição arbitrária, mas a consumação da própria escolha livre: **a vontade criada afasta-se de Deus até perder a própria capacidade de escolher**.

Assim, o inferno, entendido como separação de Deus, **é a consequência extrema e autoimposta da liberdade mal usada**, e, como tal, um estado

autoextinguível, pois o mal não tem base ontológica duradoura.

O Fim da Guerra

A guerra cósmica entre o Reino de Deus e os reinos da rebelião não durará para sempre. O poder da liberdade será honrado, mas **também vencido pela plenitude do amor divino**.

"Toda língua confessará que Jesus Cristo é o Senhor" (Fl 2:10–11), não porque será forçada, mas porque **a verdade e o bem triunfarão sobre o erro e o mal**.

O fim será paz, reconciliação e unidade sob Cristo. O risco é real, mas **não eterno**. O amor vencerá.

Conclusão

Deus concedeu liberdade real, irrevogável no tempo, mas finita na duração. A rebelião será julgada, não por capricho, mas porque **a liberdade usada contra Deus destrói-se a si mesma**.

"O amor corre risco, mas não para sempre. A liberdade leva à guerra, mas o fim é a paz."

Referências bíblicas incluídas neste capítulo:

- João 5:17
- Romanos 1:24–28
- Romanos 8:28
- 1 Coríntios 15:24–28
- Efésios 4:17–19
- Filipenses 2:10–11
- Salmo 81:12
- Oséias 4:17
- Apocalipse 21:1–4

Notas de rodapé

1. Gregory A. Boyd, *Satan and the Problem of Evil*, cap. 6.
2. C. S. Lewis, *The Problem of Pain*, cap. 4.
3. Clark Pinnock, *Flame of Love*, cap. 9.
4. David Basinger, *The Case for Freewill Theism*, pp. 138–145.
5. Richard Rice, "Divine Foreknowledge and Free Will", in *The Openness of God*, pp. 123–155.

ORAR NO TURBILHÃO

7. Milagres, Oração e a Arbitrariedade da Vida

"A oração não é uma tentativa de mudar a mente de Deus, mas de participar com Ele na realização da Sua vontade."
Gregory A. Boyd

"O poder da oração não está em alterar a realidade arbitrariamente, mas em unir-se à luta de Deus contra o mal."
Clark Pinnock

Este capítulo aborda a questão de como devemos entender a oração e os milagres dentro da visão do mundo em guerra. Se a realidade é marcada por agentes espirituais que resistem à vontade de Deus, e se os seres humanos possuem liberdade real, então porquê e como a oração funciona? Por que alguns oram e são curados, e outros não? Por que parece haver arbitrariedade na maneira como os milagres acontecem?

O que está em jogo é **a coerência entre uma visão de guerra espiritual, a soberania de Deus, e a prática da oração como algo significativo e eficaz**.

A Oração como Arma de Guerra

Na visão trinitária da guerra, a oração não é simplesmente devoção privada.

"A oração é uma forma de intervenção espiritual, uma arma no campo de batalha cósmico."

Orar é colaborar com Deus, participar na realização da Sua vontade na terra (Mt 6:10). Jesus ensinou a orar com insistência, com fé, com expectativa (Lc 11:5–13; 18:1–8). A oração tem efeitos reais, pode curar (Tg 5:15–16), libertar, impedir o mal, abrir caminhos. Mas nem sempre os resultados esperados acontecem. E isso levanta a pergunta: **por que razão uma oração fervorosa e justa nem sempre é atendida?**

A Oração e o Mundo Aberto

Se o futuro é parcialmente aberto, e se Deus age relacionalmente, então a oração **muda realmente as coisas**. Mas, como a oração opera num mundo em guerra, com múltiplos agentes livres (anjos, demónios, humanos), os resultados não são automáticos.

"Orar é lutar com Deus, contra tudo o que se opõe a Ele."

Deus pode querer curar, salvar, restaurar, mas **essa vontade pode encontrar resistência**. A oração pode ser impedida por oposição demoníaca (Dn 10:12–13), incredulidade (Mc 6:5–6), ou até por fatores estruturais num mundo caído.

Milagres e a Arbitrariedade Aparente

Por que é que, em situações semelhantes, Deus age milagrosamente num caso e não noutro? A resposta, na visão de guerra, **não está num plano secreto de Deus**, mas nas **complexidades do conflito cósmico**. Existem muitas variáveis envolvidas que nós não conseguimos ver, livre-arbítrio de outros, decisões passadas, atividade demoníaca, limitações físicas.

"A guerra espiritual explica o que a teologia do plano não consegue: a arbitrariedade aparente."

Não é que Deus prefira curar uns e não outros, ou que alguns mereçam mais. A oração **funciona**, mas funciona dentro de um mundo ferido, complexo e imprevisível.

Intercessão e Responsabilidade Mútua

A Bíblia dá exemplos de oração intercessora que muda o curso da história:

- Moisés impede o castigo de Deus (Êx 32:11–14);
- Ezequias ganha mais anos de vida (2 Rs 20:1–6);
- Daniel contribui para a restauração de Israel (Dn 9).

Esses episódios mostram que Deus **envolve seres humanos nas Suas decisões**, não porque precise, mas porque deseja cooperação livre. Orar pelos outros é **um exercício de responsabilidade mútua no corpo de Cristo**.

O Sofrimento e a Oração Não Respondida

Mesmo quando não vemos resposta, a oração nunca é em vão.

"A oração é, antes de mais, comunhão com Deus, mas também é resistência ao mal."

Jesus orou no Getsémani para que o cálice lhe fosse retirado, mas submeteu-Se à vontade do Pai (Mt 26:39). Paulo pediu que o espinho na carne fosse removido, mas recebeu graça para suportá-lo (2 Co 12:7–9).

O sofrimento não é sinal de fracasso espiritual, mas **parte da realidade de um mundo em guerra**.

Deus não abandona, entra no sofrimento e transforma-o por dentro.

Conclusão

A oração é uma das expressões mais fortes da liberdade humana cooperar com Deus. Ela **importa**, mesmo quando não resulta como esperávamos. A sua eficácia **não depende de um plano fixo**, mas da dinâmica de um mundo onde muitos fatores estão em jogo.

"Orar é unir-se a Deus numa missão. E, nessa união, nada se perde, tudo conta."

Referências bíblicas incluídas neste capítulo:

- Mateus 6:10
- Mateus 26:39
- Marcos 6:5–6
- Lucas 11:5–13
- Lucas 18:1–8
- Êxodo 32:11–14
- 2 Reis 20:1–6
- Daniel 9
- Daniel 10:12–13
- Romanos 8:26
- 2 Coríntios 12:7–9
- Tiago 5:15–16

Notas de rodapé

1. Gregory A. Boyd, Satan and the Problem of Evil, cap. 7.
2. Clark Pinnock, Most Moved Mover, cap. 4.
3. David Basinger, The Case for Freewill Theism, pp. 153–167.
4. Terence Fretheim, The Suffering of God, cap. 6.
5. John Sanders, The God Who Risks, pp. 198–214.

"VERMELHO NAS GARRAS E NOS DENTES"

8. Perspetivas sobre a Origem do Mal Natural, Parte 1

"É uma questão sombria e tremenda que certos seres sencientes, desde o seu nascimento até à sua morte, estejam condenados a sofrer... sem culpa pessoal, mas por uma necessidade inscrita no próprio sistema do mundo."
C. S. Lewis

"O mal natural é o escândalo não resolvido da teologia."
Terrence Fretheim

Este capítulo trata da questão do chamado **mal natural**, sofrimento, destruição ou tragédia que **não resulta diretamente da ação humana**. São exemplos:

- Desastres naturais (terramotos, inundações, furacões);
- Doenças genéticas;
- Epidemias;
- Sofrimento animal (predação, parasitismo, dor em larga escala).

Para a maioria dos crentes, o problema do mal já é desafiante quando se trata da ação humana. Mas torna-se **profundamente desconcertante** quando se considera o sofrimento que **nenhum agente humano causou**. A pergunta impõe-se:

Se Deus é bom, soberano e omnisciente, porque criou um mundo onde a natureza causa tanto sofrimento a criaturas inocentes?

O Escândalo do Mal Natural

O termo "vermelho nas garras e nos dentes" provém do poeta Alfred Lord Tennyson, descrevendo a crueldade impiedosa da natureza. A ideia de que um Deus bom criou um sistema onde o sofrimento é estrutural e inevitável **parece moralmente insustentável**.

Como pode justificar-se, teologicamente, que **milhões de animais tenham sofrido e morrido durante milhões de anos antes mesmo da existência de seres humanos?**

Como podem ser reconciliados:

- A bondade de Deus,
- A Sua intenção amorosa para a criação,
- E o registo da história natural repleto de violência, parasitismo e destruição?

A Teologia Tradicional e o Mal Natural

A teologia cristã tradicional tem oferecido algumas respostas a esta tensão:

1. Castigo por causa da Queda

Muitos intérpretes, desde Agostinho, sustentaram que o mal natural entrou no mundo **após a queda humana** (Gn 3:17–19; Rm 8:20–22). A natureza teria sido "amaldiçoada" como consequência do pecado.

Esta leitura encontra apoio em passagens como:

- "Maldita é a terra por tua causa" (Gn 3:17);
- "A criação geme… esperando a redenção" (Rm 8:20–22).

Contudo, esta explicação enfrenta dificuldades graves:

- O sofrimento natural **antecede cronologicamente** a existência humana (fósseis de animais extintos, dados geológicos);
- Muitas formas de sofrimento **não se encaixam como punição para o pecado humano** (ex. terremotos que matam crianças, doenças genéticas).

Além disso, parece **injusto** que **a criação inteira sofra** por causa do erro de um único casal humano.

"Se Deus realmente amaldiçoou a natureza por causa do pecado humano, então a inocência dos animais foi ignorada, e a justiça divina posta em causa."

2. Mal necessário para o bem maior

Outra abordagem afirma que o sofrimento natural é um **meio necessário** para certos bens maiores. Exemplos incluem:

- A evolução biológica requer competição e seleção natural;
- A beleza das paisagens resulta de movimentos tectónicos que causam terramotos;
- A liberdade moral requer um ambiente estável e ordenado, o que implica forças naturais constantes.

Esta visão vê o mal natural como **um custo inevitável** para um mundo funcional. No entanto, esta resposta **não consola quem sofre**, nem explica a escala ou a intensidade do sofrimento natural. Além disso, leva a implicar **Deus diretamente como autor de mecanismos de sofrimento**, o que contradiz o Seu caráter revelado em Cristo.

A Proposta da Visão do Mundo em Guerra

A teodiceia trinitária de guerra propõe uma alternativa:

"O mal natural não é criação de Deus, nem punição direta, nem meio necessário para o bem, mas resultado da atividade de agentes espirituais hostis, que corromperam aspetos da criação."

Este modelo sustenta que:

- Deus criou um cosmos bom e ordenado;
- Alguns seres espirituais (anjos caídos) usaram a sua liberdade para **corromper partes da criação física**;
- Isto explica por que razão há **aspetos da natureza que operam contra a vida e a ordem**, em contradição com o propósito divino.

Tal como os humanos podem distorcer a cultura, também **os seres espirituais podem distorcer a natureza**.

Precedentes Bíblicos e Teológicos

A Bíblia mostra **anjos com influência sobre o mundo físico**:

- O "anjo destruidor" no Egipto (Êx 12:23);
- Os quatro anjos que retêm os ventos (Ap 7:1);

- Satanás que provoca doenças (Jó 2:7; Lc 13:16);
- Anjos que causam calamidades (Ap 9; Ap 16).

Estes textos sugerem que **há poder espiritual por trás de certos eventos naturais destrutivos**. A tradição cristã antiga (ex. Irineu, Orígenes, Atanásio) também reconhecia **a influência cósmica do pecado angélico**.

"O mundo físico participa na guerra espiritual, não apenas como cenário, mas como campo de batalha."

Implicações

Esta leitura não resolve todas as perguntas, mas **alinha melhor com o caráter de Deus revelado em Cristo**:

- Deus não quer o sofrimento dos inocentes;
- Deus não criou mecanismos de destruição;
- Deus está em guerra com tudo o que se opõe à vida, inclusive o mal natural.

Além disso, oferece **esperança escatológica**: a criação será restaurada (Is 11:6–9; Rm 8:21; Ap 21:1–5). O sofrimento da natureza não é eterno. O "*lobo habitará com o cordeiro*", e "*não haverá mais morte nem dor*".

Conclusão

O mal natural, quando visto através da lente da guerra espiritual, **não é plano divino nem punição**, mas **campo de conflito entre o Criador e as forças que O resistem**. O universo está ferido, e Deus está a curar.

"A criação ainda geme, mas não para sempre. A ressurreição começou. O fim será vida."

Referências bíblicas incluídas neste capítulo:

- Génesis 3:17–19
- Êxodo 12:23
- Jó 2:7
- Isaías 11:6–9
- Romanos 8:20–22
- Lucas 13:16
- Apocalipse 7:1
- Apocalipse 9
- Apocalipse 16
- Apocalipse 21:1–5

Notas de rodapé

1. C. S. Lewis, The Problem of Pain, cap. 9.
2. Terrence Fretheim, Creation Untamed, cap. 2.
3. John Hick, Evil and the God of Love, cap. 14.
4. Gregory A. Boyd, God at War, pp. 183–211.

5. Irineu, Contra as Heresias, 4.38.3; Orígenes, De Principiis, 1.5; Atanásio, Sobre a Encarnação, sec. 25.
6. Richard Middleton, A New Heaven and a New Earth, cap. 5.

QUANDO A NATUREZA SE TORNA UMA ARMA

9. Perspetivas sobre a Origem do Mal Natural, Parte 2

"As forças da natureza não são neutras: podem tornar-se aliadas ou instrumentos do mal, tal como os seres humanos."
Gregory A. Boyd

"A criação está sujeita à futilidade, não por vontade própria, mas por causa daquele que a sujeitou."
Romanos 8:20

Neste segundo capítulo dedicado ao problema do mal natural, aprofunda-se a **perspetiva bíblica e teológica segundo a qual a natureza pode ser, em certos casos, corrompida e instrumentalizada por poderes espirituais hostis**. Ao invés de atribuir a Deus a responsabilidade direta por desastres e sofrimento natural, a teodiceia da guerra trinitária considera que **alguns fenómenos naturais são resultado direto da atividade destrutiva de anjos caídos, especialmente de Satanás**.

A Criação como Campo de Batalha

A narrativa bíblica revela que **a criação participa numa guerra cósmica**. O mundo físico não é apenas o palco neutro onde a história humana se desenrola, mas **um território disputado, manipulado e afetado por agentes espirituais**. A criação foi feita "*muito boa*" (Gn 1:31), mas encontra-se atualmente "*sujeita à futilidade*" (Rm 8:20).

"Alguns aspetos do mundo natural não refletem o plano original de Deus, mas a corrupção introduzida por forças espirituais rebeldes."

Estas forças são designadas na Escritura por nomes como "poderes", "principados", "domínios" (Ef 6:12; Cl 1:16). Embora criadas por Deus, muitas rebelaram-se, e agora operam como **oponentes ativos da vontade divina**, com impacto sobre a ordem natural.

Evidência Bíblica de Interferência Espiritual na Natureza

O texto bíblico apresenta numerosos episódios em que **eventos físicos ou naturais estão ligados a agentes espirituais**:

- **Jó 1–2**: Satanás provoca ventos e fogo que matam os filhos de Jó e envia uma doença dolorosa sobre ele (Jó 1:19; 2:7);
- **Êxodo 12:23**: Um "anjo destruidor" é responsável pela morte dos primogénitos no Egito;
- **Salmo 78:49**: As pragas são descritas como obra de "anjos malignos";
- **Daniel 10:13**: Um "príncipe espiritual" opõe-se à resposta divina a uma oração, revelando luta espiritual que afeta eventos humanos;
- **Apocalipse 8–9; 16**: Anjos derramam taças que causam desastres ecológicos, doenças e destruição.

Estes textos não são meras metáforas. Retratam um cosmos onde **o espiritual e o físico estão interligados**, e onde a criação pode ser usada como arma de guerra.

"Tal como um humano pode usar o fogo para aquecer ou para matar, também os anjos podem, com permissão ou por usurpação, atuar na criação com efeitos devastadores."

O Mal Natural e a Atividade Demoníaca

A teodiceia da guerra propõe que **o sofrimento natural, doenças, catástrofes, desordens biológicas, pode, em muitos casos, resultar de**

distorções provocadas pela rebelião angélica. Isto não implica dualismo (dois deuses opostos), mas **reconhecimento do espaço de liberdade que Deus concedeu às Suas criaturas**, humanas e angélicas.

"A liberdade dos anjos caídos, como a dos humanos, tem consequências reais, inclusive na biologia, no clima e nos ecossistemas."

Na tradição cristã primitiva, era comum entender que **certas doenças ou deformidades tinham origem demoníaca** (cf. Mt 9:32–34; 12:22; Lc 13:11,16). A missão de Jesus é constantemente descrita como **libertar os oprimidos do diabo** (At 10:38).

A Criação Gemendo

Romanos 8:20–22 retrata a criação como um ser vivo que "*geme*" e "*sofre dores de parto*". Está sujeita à "*futilidade*" não por culpa própria, mas por causa daquele que a sujeitou, uma referência possível à queda de Adão, mas também **à sujeição imposta pelas forças do mal**.

"A criação, como os seres humanos, está a sofrer os efeitos da guerra cósmica, e aguarda redenção."

O texto fala de um futuro onde **a criação será libertada da corrupção** (Rm 8:21). Isso aponta para **um estado presente de disfunção**, do qual o próprio Deus **não é o autor, mas o redentor**.

Coerência com o Caráter de Deus

A perspetiva, de que forças demoníacas podem distorcer a criação, ajuda a preservar o caráter revelado de Deus em Cristo:

- Deus cura, não envia doenças (Mt 4:23; 9:35);
- Deus acalma tempestades, não as causa (Mc 4:39);
- Deus ressuscita mortos, não os mata por meios naturais aleatórios.

"Jesus nunca repreendeu o Pai, mas repreendeu tempestades, febres, demónios e a morte."

Se Jesus é a perfeita revelação do Pai (Jo 14:9; Hb 1:3), então **tudo o que contradiz o ministério de Jesus não provém do Pai**. A visão de guerra afirma que há **oposição real à vontade de Deus na criação**, e que o mal natural é parte dessa oposição.

Implicações Escatológicas

A vitória final de Deus inclui **não apenas a salvação humana, mas a renovação cósmica**. O

"novo céu e nova terra" (Ap 21:1) significam **o fim da corrupção espiritual da natureza**. O Reino de Deus traz paz, não apenas social, mas **ecológica, biológica e cósmica** (Is 11:6–9; 65:25).

Conclusão

O mal natural, na teodiceia da guerra, não é castigo divino nem mero acaso biológico. É **efeito colateral e instrumento ativo da guerra espiritual em curso**. A criação tornou-se, em parte, uma arma nas mãos do inimigo, mas será libertada.

"A natureza, outrora ferida, será restaurada. O que hoje é tragédia tornar-se-á testemunho. O que hoje é guerra tornar-se-á louvor."

Referências bíblicas incluídas neste capítulo:

- Génesis 1:31
- Êxodo 12:23
- Jó 1:19; 2:7
- Salmo 78:49
- Isaías 11:6–9
- Isaías 65:25
- Mateus 4:23; 9:32–34; 9:35; 12:22
- Marcos 4:39
- Lucas 13:11,16
- João 14:9

- Atos 10:38
- Romanos 8:20–22
- Colossenses 1:16
- Efésios 6:12
- Hebreus 1:3
- Apocalipse 8–9; 16; 21:1

Notas de rodapé

1. Gregory A. Boyd, Satan and the Problem of Evil, cap. 9.
2. Boyd, God at War, pp. 184–210.
3. Terence Fretheim, God and World in the Old Testament, cap. 6.
4. N. T. Wright, Surprised by Hope, cap. 10.
5. C. S. Lewis, The Problem of Pain, cap. 9.
6. Orígenes, De Principiis, 1.5.
7. John Wesley, Sermão sobre Romanos 8, sec. 2.
8. Richard Middleton, A New Heaven and a New Earth, cap. 7.

ISTO FOI UM INIMIGO QUE FEZ

10. O Mal "Natural" e a Teodiceia Trinitária de Guerra

"Isto foi um inimigo que fez."
Mateus 13:28

"A natureza, tal como está, não é um reflexo direto da vontade de Deus, mas um campo de batalha deformado por poderes que resistem a essa vontade."
Gregory A. Boyd

Este capítulo conclui a reflexão iniciada nos dois capítulos anteriores sobre o problema do mal natural. Após analisar as limitações das explicações tradicionais e apresentar a hipótese da corrupção angélica como causa do sofrimento natural, este capítulo integra essas ideias numa proposta sistemática: a **teodiceia trinitária de guerra** aplicada ao mal "natural".

O foco passa a ser a **narrativa bíblica da parábola do joio** (Mt 13:24–30, 36–43), que serve de estrutura teológica para interpretar a presença do mal no mundo criado.

A Parábola do Joio: Um Ensaio de Teodiceia

Jesus conta que um homem semeou boa semente no seu campo, mas de noite veio um inimigo e semeou joio entre o trigo. Quando os servos perguntam se devem arrancar o joio, o senhor responde: "Não. Deixem crescer ambos juntos até à ceifa." Mais tarde, Jesus explica:

- O campo é o mundo;
- A boa semente são os filhos do Reino;
- O joio são os filhos do Maligno;
- O inimigo é o Diabo (Mt 13:38–39).

A declaração central, **"Isto foi um inimigo que fez"**, revela um princípio fundamental: **o mal presente no mundo não se deve ao Criador, mas à ação de um agente hostil.**

Implicações Ontológicas e Morais

Esta afirmação tem **implicações ontológicas**: o mal não tem origem divina, nem é necessário para a criação funcionar. E tem **implicações morais**: Deus não é o responsável pelo sofrimento causado pelo mal, mesmo quando esse sofrimento ocorre através de mecanismos naturais.

"A origem do joio não está na vontade do semeador, mas na intervenção de um inimigo."

A parábola, portanto, **desmonta a ideia de que tudo o que acontece no mundo deve ter sido querido ou permitido por Deus com um propósito secreto**. Em vez disso, introduz uma distinção entre o que Deus quer e o que Deus tolera **temporariamente**, para preservar o bem maior da liberdade.

A Preservação da Liberdade

A razão pela qual o Senhor da parábola não arranca imediatamente o joio é que isso **poderia prejudicar o trigo**. Analogamente, **Deus permite que o mal subsista por um tempo para proteger a liberdade das Suas criaturas**, condição essencial do amor.

"Na visão trinitária da guerra, Deus aceita o risco do mal para tornar possível o amor."

Essa suspensão do julgamento final é sinal não de indiferença, mas de paciência redentora (cf. 2 Pe 3:9). A decisão de Deus de não intervir imediatamente contra todo o mal **não é falta de poder**, mas **estratégia amorosa**.

Satanás e o Mal Natural

Com base nos capítulos anteriores, o autor propõe que a parábola se aplica também ao mal natural. O joio inclui **todas as distorções da criação original causadas pela atividade do inimigo**: doenças, desastres, sofrimento animal, degradação ecológica.

Assim, as catástrofes naturais e os defeitos biológicos **não fazem parte da boa semente**. São efeitos do joio, sementes semeadas por um inimigo.

"O sofrimento da criação não é plano de Deus. É resistência à Sua vontade, plantada num mundo bom."

A Trindade em Guerra

A teodiceia proposta não é dualista: o inimigo não é igual ou paralelo a Deus. Deus continua soberano, mas **exerce essa soberania de forma cruciforme, amorosa e trinitária**. O Pai não domina, o Filho sofre, o Espírito intercede.

O poder divino não se revela na eliminação instantânea do mal, mas na **participação no sofrimento e na redenção paciente da criação** (Rm 8:26–27).

"A cruz é o critério da soberania divina: ali, Deus vence o mal ao absorvê-lo, não ao evitá-lo."

O Fim: Colheita e Restauração

A parábola aponta para o fim da história, onde **o joio será separado do trigo**. Esse momento não é antecipado por controlo ou coerção, mas por meio da perseverança do amor, da cooperação dos santos, e da intervenção escatológica de Deus.

"A natureza será purificada. O joio será arrancado. A criação será libertada da sua escravidão."

O juízo final, nesse modelo, não é vingança, mas **restauração da harmonia cósmica**, removendo o que corrompe e ferindo a liberdade apenas depois de todas as tentativas de redenção terem sido esgotadas.

Conclusão

A teodiceia trinitária de guerra sustenta que **o mal, inclusive o natural, não provém de Deus, mas de um inimigo espiritual rebelde**, contra o qual Deus está em guerra. O sofrimento natural deve ser interpretado **não como instrumento da soberania divina**, mas **como sinal de resistência contra o Reino**.

"Deus plantou o bem. O inimigo semeou o mal. Deus permitirá que cresçam por um tempo, mas, no fim, só o trigo permanecerá."

Referências bíblicas incluídas neste capítulo:

- Mateus 13:24–30, 36–43
- Romanos 8:26–27
- 2 Pedro 3:9

Notas de rodapé

1. Gregory A. Boyd, Satan and the Problem of Evil, cap. 10.
2. C. S. Lewis, The Problem of Pain, cap. 9.
3. David Basinger, The Case for Freewill Theism, cap. 7.
4. Terence Fretheim, The Suffering of God, cap. 8.
5. Orígenes, Homilias sobre Mateus, 10.2.
6. Richard Middleton, A New Heaven and a New Earth, cap. 8.

UM CONFRONTO DE DOUTRINAS

11. O Sofrimento Eterno e o Aniquilacionismo

"Pode-se aceitar a justiça divina,
mas continuar a perguntar:
como pode o amor suportar o sofrimento eterno?"
Gregory A. Boyd

"Deus destruirá o mal, não o manterá vivo para sempre."
John Stott

"A doutrina do inferno eterno não honra a justiça de Deus, exagera-a a ponto de distorcer o Seu amor."
Clark Pinnock

Este capítulo enfrenta uma das doutrinas mais controversas da teologia cristã: **a punição eterna dos ímpios no inferno**. A tradição maioritária da Igreja, desde Agostinho, sustenta que os que rejeitam a Deus sofrerão **castigo consciente e sem fim**. Mas há, entre teólogos contemporâneos e mesmo antigos, uma crescente defesa de uma visão alternativa: o **aniquilacionismo**, a ideia de que **os ímpios serão destruídos, não torturados eternamente**.

Neste capítulo, explora-se como a **visão trinitária da guerra** impacta esta discussão, e por que razão ela favorece o aniquilacionismo como a

doutrina mais coerente com o caráter amoroso, justo e cruciforme de Deus.

A Doutrina Tradicional do Inferno Eterno

Segundo a visão tradicional, baseada sobretudo em interpretações de textos como Mateus 25:41–46 e Apocalipse 14:11; 20:10, os ímpios:

- Permanecem conscientes após a morte;
- Sofrem punição interminável;
- Não têm mais hipótese de redenção;
- São separados de Deus para sempre.

A motivação principal dessa visão é a **justiça retributiva**: pecados contra um Deus infinito exigiriam um castigo infinito.

Contudo, esta doutrina **colide com vários elementos centrais da teodiceia de guerra**, e com o próprio evangelho de um Deus que **é amor (1 Jo 4:8)** e cuja justiça é sempre **restaurativa**.

"O inferno eterno afirma que Deus sustenta ativamente, por toda a eternidade, seres cuja única função é sofrer. Tal imagem contraria o Deus revelado na cruz."

A Incoerência Moral do Inferno Infinito

A teologia tradicional ensina que Deus "sustenta" todos os seres na existência (Cl 1:17; Hb

1:3). Se os ímpios existem para sempre no inferno, isso significa que **Deus escolhe mantê-los vivos eternamente só para que sofram**. Isso levanta questões morais profundas:

- Que tipo de amor permite tal destino?
- Que tipo de justiça exige sofrimento infinito por pecados finitos?
- Por que razão o mal seria eterno, quando Deus promete vencê-lo (1 Co 15:24–28; Ap 21:4)?

A tradição reformada responde apelando à glória de Deus e à exaltação da Sua justiça. Mas essa lógica **transforma a justiça em crueldade glorificada**.

"Se formos honestos, o inferno eterno é mais compatível com a imagem de um tirano cósmico do que com o Deus crucificado de Jesus."

O Aniquilacionismo: Uma Alternativa Bíblica e Teológica

O aniquilacionismo sustenta que os ímpios, após o juízo final, serão **destruídos, cessando de existir**. Esta visão baseia-se em textos que falam da **morte eterna**, **perdição**, **destruição**, não de tormento eterno consciente:

- "A alma que pecar, essa morrerá" (Ez 18:4);
- "Os ímpios serão como palha… serão destruídos" (Ml 4:1–3);
- "O salário do pecado é a morte" (Rm 6:23);

- "Deus pode destruir **tanto a alma como o corpo** no inferno" (Mt 10:28);
- "A destruição eterna longe da face do Senhor" (2 Ts 1:9).

Muitos pais da Igreja pré-agostinianos (ex. Arnóbio, Teófilo de Antioquia) partilhavam esta visão. E vários teólogos contemporâneos a redescobriram: John Stott, Edward Fudge, Clark Pinnock, entre outros.

O Aniquilacionismo e a Teodiceia de Guerra

A teodiceia trinitária de guerra pressupõe que:

- A liberdade é real, mas finita;
- O mal será vencido, não eternizado;
- O juízo de Deus visa restaurar, não perpetuar sofrimento.

"O inferno eterno é uma derrota da cruz. A destruição dos ímpios é a consumação da vitória de Cristo."

Deus não deseja que ninguém pereça (2 Pe 3:9), mas respeita a liberdade dos que O rejeitam. Contudo, **não os manterá vivos eternamente contra a Sua própria natureza redentora**. O aniquilacionismo permite afirmar com coerência que **o amor vencerá e que o universo será purificado do mal**.

Objeções e Respostas

E quanto a "tormento eterno" (Mt 25:46)?
→ A palavra usada (αἰώνιος, aiônios) pode significar "pertencente à era futura" ou "com consequências eternas", não necessariamente duração sem fim.

O fogo não se apaga, o verme não morre (Mc 9:48)?
→ A linguagem é simbólica (tirada de Is 66:24) e indica a **certeza do juízo**, não a duração infinita do sofrimento.

O diabo será atormentado para sempre (Ap 20:10)?
→ Mesmo que essa seja a sorte de Satanás, isso não implica o mesmo para os seres humanos, que são criados à imagem de Deus, não em oposição essencial a Ele.

O Deus que Destrói com Lágrimas

A destruição final dos ímpios **não é um ato de vingança fria**, mas uma **tragédia divina**. Deus não se alegra na morte do pecador (Ez 18:23). A aniquilação é um ato de **respeito pela liberdade rejeitada**, mas também de **luto pelo amor recusado**.

"A última palavra de Deus sobre o mal não é tortura, mas fim. Não é ódio, mas lamento."

Conclusão

A teodiceia trinitária de guerra conduz inevitavelmente ao aniquilacionismo. A destruição dos ímpios:

- Honra a liberdade criada;
- Preserva o caráter amoroso e justo de Deus;
- Vence o mal sem o eternizar;
- Garante um futuro em que Deus será "tudo em todos" (1 Co 15:28).

"O inferno não será um eterno monumento à derrota de Deus. Será, sim, o ponto final da guerra. Depois, só restará o amor."

Referências bíblicas incluídas neste capítulo:

- Ezequiel 18:4, 23
- Malaquias 4:1–3
- Mateus 10:28; 25:41–46
- Marcos 9:48
- Romanos 6:23
- 2 Tessalonicenses 1:9
- 2 Pedro 3:9
- 1 Coríntios 15:24–28
- Apocalipse 14:11; 20:10; 21:4

Notas de rodapé

1. Gregory A. Boyd, *Satan and the Problem of Evil*, cap. 11.
2. John Stott & David Edwards, *Essentials*, pp. 314–320.
3. Edward Fudge, *The Fire That Consumes*, 3.ª ed., cap. 16.
4. Clark Pinnock, *Flame of Love*, cap. 10.
5. Basil Atkinson, *Life and Immortality*, cap. 6.
6. John Wenham, *The Goodness of God*, cap. 9.
7. Richard Bauckham, "Universalism: A Historical Survey", *Themelios* 4 (1979).

UMA REALIDADE SEPARADA

12. O Inferno, o Das Nichtige e a Vitória de Deus

"O inferno é o destino último daquilo que se opõe a Deus, não um lugar eterno, mas uma realidade sem futuro."
Gregory A. Boyd

"O mal não tem ontologia. É o parasita da criação."
Karl Barth

"A vitória de Deus não consiste em manter o mal vivo, mas em esvaziá-lo de toda a existência."
Clark Pinnock

Neste capítulo final da parte doutrinal, desenvolve-se uma conceção do inferno em total coerência com a **teodiceia trinitária de guerra**. O objetivo é oferecer uma visão do juízo final e do destino dos ímpios que:

- Preserve a justiça divina;
- Honre a liberdade das criaturas;
- Mantenha a centralidade do amor;
- E assegure a vitória plena de Deus sobre o mal.

Para isso, propõe-se uma leitura do inferno **não como um lugar eterno de tormento**, mas como **uma realidade separada da criação redimida**,

progressivamente vazia, uma espécie de "auto-aniquilação" do mal. Neste contexto, dialoga-se com o conceito teológico de Barth: o **Das Nichtige**, o "nada" que Deus não quis criar, mas que surgiu por rejeição da Sua vontade.

O Inferno como Escolha Existencial

Segundo esta leitura, o inferno **não é uma tortura imposta**, mas o **destino último da liberdade rejeitada**. O inferno é o que acontece quando **uma criatura escolhe persistir eternamente contra Deus**, esvaziando-se progressivamente de tudo o que dá vida e significado.

"O inferno é a liberdade levada ao extremo, a escolha de existir sem Deus, sem verdade, sem amor."

É, portanto, uma **realidade existencial separada**, não no espaço, mas na condição do ser. O inferno não é apenas punição, é **colapso ontológico**.

O Das Nichtige: O Nada Anticriacional

O teólogo Karl Barth usou o termo Das Nichtige (o "nulo", o "nada") para designar **aquilo que Deus não quis criar**, a antítese do Seu ser e da Sua vontade. O mal, para Barth, **não tem existência**

própria, mas **parasitária**. Ele emerge quando a vontade criada se afasta do ser de Deus.

"O mal não é uma substância. É uma rejeição, e, como tal, não pode permanecer eternamente."

Nesta perspetiva, o inferno é **a consumação desse nada**: a separação absoluta de Deus resulta na dissolução da existência. Deus não destrói por raiva, mas porque **fora d'Ele não há vida** (Jo 1:3–4; At 17:28).

A Vitória de Deus

A Escritura fala de uma vitória final em que **todas as coisas são reconciliadas** (Cl 1:20), **a morte é vencida** (1 Co 15:26), e **Deus será tudo em todos** (1 Co 15:28). Uma doutrina do inferno eterno, onde o mal continua a existir e os perdidos continuam a sofrer, **compromete essa vitória**.

"Não há vitória plena se o mal continuar a existir. O amor triunfa quando tudo o que se opõe a ele deixa de ser."

A teodiceia da guerra defende que, após o juízo, **os rebeldes impenitentes serão destruídos**, não por vingança, mas porque a existência sem Deus **não é ontologicamente sustentável**.

Amor e Justiça: a Última Palavra

Deus não força ninguém a amar. E respeita até ao fim a liberdade dada. Mas também **não sustenta eternamente o que nega o amor**. O juízo é real. Mas a punição não é consciência eterna em dor, é **fim**.

O aniquilacionismo, aqui entendido como a transição do ser para o não-ser, é **a forma como a justiça divina se completa sem negar o amor**. A vitória de Deus é:

- Total (todo o mal eliminado);
- Redentora (onde for possível);
- Final (sem repetição do mal);
- E cruciforme (alcançada por meio do sacrifício).

A Nova Criação sem Lamento

Apocalipse 21 descreve **um mundo sem lágrimas, sem dor, sem morte**. Essa promessa só se cumpre se **tudo o que causa essas realidades for removido**. Não escondido, eliminado.

A nova criação não coexiste com o inferno. O inferno é o que **não entra no Reino** (Ap 21:27). É o **resíduo da rebelião**, que Deus permite por um tempo, mas que **não perdura para sempre**.

"O amor triunfa, não porque vence à força, mas porque tudo o que não é amor acaba por ceder ou desaparecer."

Conclusão

A teodiceia trinitária de guerra rejeita o inferno eterno como incoerente com o caráter de Deus revelado em Cristo. Afirma que:

- O mal será vencido de forma final e redentora;
- A liberdade será respeitada até ao fim;
- Mas o fim dos que rejeitam o bem será o não-ser, não o sofrimento eterno.

"O inferno não será uma prisão eterna, mas um eco longínquo do que foi a resistência. A última palavra será de Deus. E essa palavra será amor."

Referências bíblicas incluídas neste capítulo:

- João 1:3–4
- Atos 17:28
- 1 Coríntios 15:24–28
- Colossenses 1:20
- Apocalipse 21:4, 27

Notas de rodapé

1. Gregory A. Boyd, *Satan and the Problem of Evil*, cap. 12.
2. Karl Barth, *Church Dogmatics*, III/3, sec. 50.
3. Clark Pinnock, *Flame of Love*, cap. 11.
4. John Stott, *Essentials*, pp. 319–322.
5. N. T. Wright, *Surprised by Hope*, cap. 12.
6. Edward Fudge, *The Fire That Consumes*, 3.ª ed., cap. 20.

APÊNDICE 1

OBJEÇÕES PENDENTES

"Uma teodiceia só é convincente
se for moral e logicamente coerente,
e se ressoar com a experiência humana de sofrimento."
Gregory A. Boyd

"Não precisamos de uma teologia que explique tudo, mas sim
de uma que nos permita confiar em Deus enquanto lutamos
com aquilo que não entendemos."
Terence Fretheim

Neste apêndice, o autor aborda várias objeções comuns que continuam a ser levantadas contra a teodiceia trinitária de guerra, mesmo depois da exposição completa apresentada ao longo do livro. Algumas são filosóficas, outras teológicas ou pastorais. O objetivo é mostrar que **nenhuma dessas objeções destrói a coerência da proposta** nem mina a sua força moral e bíblica.

Boyd reconhece que **nenhuma teodiceia resolve o problema do mal de forma total**. Contudo, argumenta que a abordagem proposta:

- Honra o testemunho das Escrituras;

- Preserva a liberdade e a responsabilidade moral;
- Mantém o caráter amoroso de Deus revelado em Cristo;
- E oferece esperança real e mobilizadora.

Objeção 1: "Por que criou Deus criaturas com liberdade se sabia que iriam rebelar-se?"

Esta é talvez a objeção mais repetida. Pressupõe que, se Deus sabia que a criação resultaria em sofrimento, então **não devia ter criado nada**.
Resposta:

- A liberdade é condição necessária para o amor.
- Deus considerou que o **valor intrínseco do amor relacional justifica o risco real**.
- Não criar teria sido um ato de autossuficiência egoísta, contrário ao amor trinitário.

"Se o amor é o bem supremo, então o risco de rejeição é o preço inevitável da sua possibilidade."

Além disso, mesmo que Deus soubesse que alguns se perderiam, **criar significava também dar**

a muitos a oportunidade de participar na vida eterna.

Objeção 2: "Deus não poderia ter criado seres livres que sempre escolhessem o bem?"

Resposta:

- Não é logicamente possível programar liberdade com resultado garantido.
- Uma liberdade que só pode fazer o bem **não é liberdade real**, é uma simulação moral.

Deus pode criar possibilidades e inclinações, mas não pode determinar o resultado das decisões livres sem **anular a própria liberdade**.

Objeção 3: "Deus não poderia intervir milagrosamente para impedir os piores males?"

Resposta:

- Sim, e por vezes intervém. Mas **intervenção sistemática comprometeria a estabilidade do mundo e a liberdade**.

- Um mundo onde Deus constantemente anulasse decisões livres **seria incoerente, imprevisível e moralmente sem sentido**.

Além disso, muitos milagres são **mediados pela oração**, cooperação e discernimento. Deus age, mas respeita o quadro da criação e da responsabilidade.

"O facto de Deus poder agir não implica que deva agir sempre, especialmente quando a liberdade e a relação estão em causa."

Objeção 4: "Por que permite Deus que Satanás e os demónios existam e tenham tanto poder?"

Resposta:

- Deus criou anjos com liberdade, tal como os humanos. Alguns rebelaram-se.
- O poder que exercem **é derivado e distorcido**, não essencial.
- Deus tolera a sua existência por um tempo, mas **limita o alcance da sua influência**.

O facto de Satanás ainda estar ativo **não é sinal de fraqueza de Deus**, mas da Sua paciência, e do

Seu compromisso com a liberdade até ao fim (cf. Mt 13:29–30).

Objeção 5: "A ideia de guerra espiritual não é demasiado mitológica para os tempos modernos?"

Resposta:

- A linguagem de batalha espiritual **é bíblica** (Ef 6:12; Cl 2:15; 2 Co 10:3–5) e teologicamente robusta.
- A rejeição da realidade espiritual **não é um avanço racional**, mas um produto do naturalismo secular.

Além disso, o conceito de conflito entre ordens de realidade **reflete melhor a experiência do sofrimento injusto**, da luta interna, e do mal impessoal que muitos enfrentam.

"Negar a realidade do inimigo não o torna menos real, apenas nos torna menos preparados."

Objeção 6: "A teodiceia da guerra enfraquece a soberania de Deus?"

Resposta:

- Pelo contrário: redefine soberania como **capacidade de realizar os Seus propósitos sem recorrer ao controlo total**.
- Deus continua a ser soberano, mas **exerce esse senhorio com amor, paciência e criatividade**, não com coerção.

A visão tradicional de soberania como controlo absoluto é **filosoficamente herdeira do estoicismo e do neoplatonismo**, mais do que da Bíblia.

Objeção 7: "Se a vitória de Deus depende de criaturas, não é incerta?"

Resposta:

- Não. Deus garante o fim da história. Mas **permite real participação no processo**.
- O Reino virá, com ou sem a cooperação de todos. Mas **é intenção de Deus que muitos participem voluntariamente na sua chegada**.

"A cruz não é sinal de incerteza, mas de compromisso até ao fim."

Objeção 8: "Esta teologia não leva a um Deus fraco e vulnerável?"

Resposta:

- Sim, se por fraqueza entendermos **a vulnerabilidade do amor**.
- O Deus da cruz **não é fraco no poder, mas é forte na humildade**.

A força de Deus manifesta-se na paciência, na esperança, na não-violência. Ele vencerá, mas **sem se tornar igual ao inimigo**.

Conclusão

Nenhuma teodiceia elimina o mistério. Mas a teodiceia trinitária de guerra:

- Dá sentido ao sofrimento sem culpar Deus;
- Valoriza a liberdade sem negar a soberania;
- Aponta para uma vitória final onde **o amor não será derrotado, e o mal não será eterno**.

"Não temos todas as respostas. Mas temos um Deus crucificado, e isso basta para confiar no meio do turbilhão."

Referências bíblicas incluídas neste apêndice:

- Mateus 13:29–30
- João 1:3–4
- Atos 17:28
- Romanos 8:28
- 1 Coríntios 15:24–28
- 2 Coríntios 10:3–5
- Efésios 6:12
- Colossenses 2:15
- 1 João 4:8
- 2 Pedro 3:9

Notas de rodapé

1. Gregory A. Boyd, Satan and the Problem of Evil, Apêndice 1.
2. Terence Fretheim, The Suffering of God, cap. 9.
3. Clark Pinnock, Most Moved Mover, cap. 5.
4. John Sanders, The God Who Risks, cap. 6.
5. C. S. Lewis, The Problem of Pain, cap. 7.
6. N. T. Wright, Evil and the Justice of God, cap. 5.
7. Richard Rice, God's Foreknowledge and Man's Free Will, cap. 8.

APÊNDICE 2
QUATRO ARGUMENTOS FILOSÓFICOS PARA A INCOMPATIBILIDADE ENTRE PRESCIÊNCIA EXAUSTIVA E DEFINIDA (EDF) E LIVRE-ARBÍTRIO AUTODETERMINANTE

"Se Deus conhece infalivelmente
todas as decisões futuras de criaturas livres,
então essas decisões não são verdadeiramente livres,
são fixadas antes de acontecerem."
Gregory A. Boyd

"Liberdade não é fazer aquilo que está predeterminado
para mim; é escolher entre possibilidades reais."
Richard Rice

Este apêndice apresenta quatro argumentos filosóficos rigorosos que demonstram que a visão tradicional da presciência divina, a chamada Presciência Exaustiva e Definida (EDF), é logicamente incompatível com o livre-arbítrio autodeterminante.

Em termos simples, Boyd mostra que, se Deus souber infalivelmente tudo o que faremos, então não podemos fazer de outra forma, o que implica que não somos realmente livres no sentido moral e ontológico.

Esta conclusão não nega o conhecimento de Deus, mas propõe que o futuro livre não pode ser conhecido como factualmente fixo até que se torne real.

Conceitos-chave:

Presciência Exaustiva e Definida (EDF): A ideia de que Deus conhece desde a eternidade tudo o que irá acontecer, incluindo todas as decisões livres de todas as criaturas.

Livre-arbítrio autodeterminante: A capacidade real de um agente agir de modo diferente do que de facto faz, sendo ele próprio a fonte última da sua decisão.

Argumento 1:

O Argumento da Lógica Contrafactual

Se Deus sabe infalivelmente que amanhã tu escolherás A, então não podes fazer B. Se não podes fazer B, então não tens alternativa real. Se não tens alternativa, então não és livre.

Conclusão: Se Deus conhece infalivelmente todas as tuas escolhas antes de as fazeres, então não tens liberdade real.

"Uma escolha que é eternamente conhecida como inevitável não é uma escolha autodeterminada, é uma execução."

Argumento 2: O Argumento da Infalibilidade

Deus é infalível: não pode estar errado. Se Deus sabe hoje que tu farás X amanhã, então X deve acontecer, senão Deus estaria errado. Se X deve acontecer, então é logicamente impossível que escolhas outra coisa.

Conclusão: Se a presciência é infalível, então nenhuma escolha futura é contingente, são todas fixas, portanto não livres.

"A infalibilidade da presciência transforma possibilidades em inevitabilidades."

Argumento 3:
O Argumento da Impossibilidade de Mudança

Não podemos mudar o passado. O que Deus sabia no passado é parte do passado. Se Deus sabia que eu faria X, então isso faz parte do passado imutável. Portanto, não posso fazer outra coisa que não seja X.

Conclusão: O passado fixo implica um futuro igualmente fixo, se incluirmos nesse passado o conhecimento infalível de Deus. Logo, não há liberdade real.

"Se o conhecimento divino é passado fixo, então o futuro já está encerrado."

Argumento 4:
O Argumento da Origem da Decisão

Para que uma escolha seja autodeterminada, deve originar no agente no momento da decisão.
Se a escolha já era verdadeira (e conhecida como tal por Deus) antes do agente existir, então não se originou nele. Logo, a decisão é pré-existente ao agente.

Conclusão: A presciência definida coloca a origem da escolha fora do agente, tornando-a heterodeterminada, não livre.

"Não podemos ser a fonte de decisões que já existem fora de nós, antes de as tomarmos."

Implicações Teológicas

Estes argumentos mostram que não é coerente afirmar simultaneamente:

- Que Deus conhece infalivelmente todas as decisões futuras (EDF);
- Que os seres humanos e anjos têm liberdade real para escolher.
- É necessário, portanto, reformular a doutrina da presciência de modo a preservar a responsabilidade moral e a liberdade relacional que a Bíblia atribui às criaturas.

A proposta de Boyd é que:

- Deus conhece o futuro como um conjunto aberto de possibilidades reais;
- Deus conhece infalivelmente tudo o que poderia acontecer, mas não como factos fixos as escolhas livres ainda não feitas;
- Isso não limita Deus, mas mostra a sua soberania viva, adaptativa e amorosa.

Conclusão

A Presciência Exaustiva e Definida, como tradicionalmente formulada, é logicamente

incompatível com o livre-arbítrio moral verdadeiro. Sustentar ambos é incoerente. A visão trinitária de guerra resolve essa tensão ao rejeitar a EDF e afirmar:

- Que o futuro livre não é ainda um facto a ser conhecido, mas um campo de possibilidades;
- Que Deus continua omnisciente, soberano e confiável, precisamente por lidar com um mundo real e dinâmico.

"O futuro é parcialmente aberto, porque o amor exige liberdade. E Deus, sendo amor, escolhe essa abertura, não por fraqueza, mas por glória."

Notas de rodapé

1. Gregory A. Boyd, Satan and the Problem of Evil, Apêndice 2.
2. Richard Rice, God's Foreknowledge and Man's Free Will, pp. 35–62.
3. William Hasker, God, Time and Knowledge, cap. 3.
4. David Basinger, The Case for Freewill Theism, cap. 4.
5. Clark Pinnock, Most Moved Mover, cap. 6.
6. Thomas Flint, Divine Providence, pp. 63–97 (para uma defesa da EDF).

APÊNDICE 3

SOBRE PERÍODOS PROBATÓRIOS INCOMPLETOS

"Se a salvação exige uma resposta livre e consciente ao amor de Deus, o que dizer daqueles que morrem antes de poder responder?"
Gregory A. Boyd

"Um Deus justo e amoroso não julga criaturas com base em oportunidades que nunca tiveram."
Clark Pinnock

Este apêndice responde a uma objeção pastoral e moral crucial contra a teodiceia trinitária da guerra: **o problema dos períodos probatórios incompletos**. Ou seja: **como Deus pode ser justo se muitos morrem, por aborto, doença, violência ou acidente, antes de terem qualquer oportunidade real de exercer fé, amor ou rejeição?**

Esta questão é especialmente sensível no caso:

- De crianças pequenas que morrem;
- De pessoas com deficiências cognitivas profundas;
- De indivíduos que nunca ouviram o evangelho;

- De povos ou culturas sem acesso à revelação cristã.

A tradição cristã muitas vezes evitou tratar seriamente este problema, recorrendo a dogmas como o batismo infantil, limbos, ou uma eleição divina arbitrária. A visão trinitária de guerra, porém, **exige uma resposta compatível com a liberdade, a justiça e o amor de Deus**.

A Estrutura do Problema

A teologia cristã ortodoxa afirma:

1. A salvação exige uma resposta livre à graça de Deus.
2. Nem todos têm, na vida terrena, **igual oportunidade de responder**.
3. Deus é justo, e não condena sem base moral legítima.
4. Portanto, deve haver **um meio pelo qual essa justiça seja assegurada** para aqueles que morrem com um "período probatório incompleto".

A Proposta da Continuação Probativa Pós-Morte

A teodiceia trinitária de guerra propõe, com base em princípios bíblicos e lógicos, que **aqueles que morrem antes de completar o seu período de escolha moral significativa, terão essa oportunidade após a morte.**

"A prova decisiva do destino eterno de um ser pessoal só pode ocorrer quando esse ser está plenamente capacitado a fazer uma escolha moral e relacional."

Isto não implica uma doutrina geral do "segundo arrependimento", mas uma extensão **individualizada e justa** da liberdade, conforme cada caso.

Fundamentos Bíblicos e Teológicos

Embora a Bíblia não trate extensivamente da questão, há **indícios e princípios compatíveis com esta proposta**:

- Deus "não quer que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento" (2 Pe 3:9);
- O juízo será **segundo a luz que cada um recebeu** (Rm 2:6–16);
- Há menção de Cristo **pregando aos espíritos em prisão** (1 Pe 3:18–20);

- Deus julga com **justiça perfeita e imparcialidade** (At 10:34; Sl 98:9).

"Deus não julgará segundo aquilo que a pessoa não pôde saber, mas segundo o que ela teve capacidade de compreender e responder."

Casos de Aplicação

1. Crianças e bebés

Não têm maturidade moral para fazer escolhas conscientes sobre Deus. Portanto, **o seu destino eterno não pode basear-se em atos ou omissões que nunca lhes foram possíveis**.

Logo, é razoável crer que:

- São acolhidas por Deus em estado de graça;
- Ou, se necessário, terão oportunidade futura de exercer a liberdade relacional.

2. Pessoas com deficiência cognitiva severa

Deus conhece **a profundidade espiritual interior que transcende o funcionamento neurológico**. Se não houve período probatório real, **não pode haver condenação justa**.

3. Pessoas que nunca ouviram falar de Jesus

Deus conhece os corações (Rm 2:15–16). O critério não é ter ouvido um nome, mas **ter respondido à luz disponível com fé, humildade e abertura ao bem**. Além disso, se faltou oportunidade significativa, **Deus pode prover uma após a morte**, antes do juízo final.

Implicações para a Teodiceia

Esta proposta:

- **Preserva o valor absoluto da liberdade**;
- **Mantém a justiça e imparcialidade de Deus**;
- Rejeita qualquer noção de que o juízo de Deus é **arbitrário ou injusto**;
- Impede que a salvação seja **acidentalmente inacessível** por questões históricas, geográficas ou biológicas.

"Deus não perde ninguém por falhas no calendário ou na geografia, mas apenas por escolha livre e final contra o amor."

Conclusão

Se Deus é justo, então **só pode julgar segundo escolhas reais**. E se a liberdade é essencial ao amor,

então **nenhuma criatura é eternamente definida sem uma oportunidade verdadeira de escolher**.

"O período probatório de uma alma não termina ao acaso, mas quando a escolha plena é feita. E essa escolha só Deus pode medir."

A proposta não é universalismo, mas **esperança firme na justiça e misericórdia de Deus**, que age com fidelidade **em todos os casos onde a liberdade ainda não foi plenamente exercida**.

Referências bíblicas incluídas neste apêndice:

- Salmo 98:9
- Romanos 2:6–16
- 1 Pedro 3:18–20
- Atos 10:34
- 2 Pedro 3:9

Notas de rodapé

1. Gregory A. Boyd, Satan and the Problem of Evil, Apêndice 3.
2. Clark Pinnock, A Wideness in God's Mercy, caps. 6–7.
3. John Sanders, No Other Name, cap. 10.
4. C. S. Lewis, The Great Divorce, prefácio.
5. Terrence Fretheim, God and World in the Old Testament, cap. 7.
6. Karl Barth, Church Dogmatics, IV/1, sec. 59.
7. Richard Swinburne, Providence and the Problem of Evil, cap. 12.

APÊNDICE 4

UMA TEOLOGIA DO ACASO

"Num mundo verdadeiramente livre, onde Deus não controla tudo, o acaso não é ameaça, é espaço de liberdade, criatividade e risco."
Gregory A. Boyd

"Deus não é o autor da aleatoriedade, mas é soberano o suficiente para trabalhar com ela."
Clark Pinnock

Este apêndice aborda um tema muitas vezes negligenciado nas discussões teológicas: **o papel do acaso na criação**. Num sistema teológico onde **Deus determina absolutamente tudo**, o acaso é visto como ilusão ou imperfeição. Mas, segundo a **teodiceia trinitária de guerra**, o acaso, ou indeterminação, é **parte integrante e necessária de um mundo onde o amor, a liberdade e a responsabilidade são reais**.

O Problema do Acaso em Teologias Deterministas

Na teologia clássica determinista (ex. Agostinho, Calvino), **nada acontece sem que Deus o tenha**

decretado ou permitido com um propósito específico.

Assim, o acaso é:

- **Ilusório**, tudo já está determinado;
- Ou **instrumentalizado**, mesmo o que parece aleatório tem um propósito escondido.

"Mas se tudo o que acontece é planeado por Deus, então o mundo é uma encenação moral, não uma realidade de agentes livres."

Nesta visão, **não há tragédias sem significado oculto**, nem decisões sem justificação divina última. Isso leva a implicações morais perturbadoras, como:

- Que Deus desejou ou permitiu deliberadamente o sofrimento de uma criança;
- Que catástrofes, acidentes ou doenças têm "um propósito superior", mesmo quando parecem completamente arbitrárias e cruéis.

O Acaso na Visão Trinitária de Guerra

Na teodiceia da guerra, o mundo foi criado por Deus para ser **um espaço relacional**, com **liberdade genuína**, tanto para seres humanos como para anjos.

Isso implica que **nem tudo está predeterminado ou controlado**. O acaso, neste contexto, **não é erro nem ameaça**, mas uma **característica estrutural de um cosmos aberto**:

- Permite espaço para a criatividade e a espontaneidade;
- É compatível com leis naturais estáveis;
- Torna possível a responsabilidade moral.

"O acaso não é falta de propósito, é o cenário de possibilidades onde a liberdade se realiza."

Exemplo: O Lançar de Dados

Se lanças um dado honesto, há probabilidade de sair qualquer número entre 1 e 6. Isso não significa que Deus escolhe ativamente o número que sai, nem que está ausente. Simplesmente significa que **Deus permite processos probabilísticos** como parte da criação.

Esses processos:

- Geram diversidade e inovação (ex. mutações genéticas, combinações ambientais);
- Produzem resultados imprevisíveis, que Deus pode usar criativamente;

- Permitem que **nem tudo no mundo tenha um motivo moral ou causal específico**.

O Acaso e o Sofrimento

Muitos sofrimentos no mundo, doenças, desastres naturais, acidentes, **não são resultado de pecado nem de atividade demoníaca**, mas **do acaso dentro de um sistema complexo e parcialmente indeterminado**.

Exemplo: uma árvore cai durante uma tempestade e mata um transeunte.
→ Não é castigo divino.
→ Não é obra do Diabo.
→ Não é culpa humana.
→ **É tragédia num mundo onde há liberdade de processos e limitações físicas.**

"O sofrimento pode ser real sem ser desejado. O acaso pode ser verdadeiro sem ser injusto."

Deus e o Acaso

Deus não controla cada evento. Mas é soberano **sobre o processo global**:

- **Age dentro da criação aberta**, guiando, redimindo, respondendo;
- Usa até eventos aleatórios para **produzir bem (Rm 8:28)**;
- Trabalha com o acaso, **sem o eliminar nem o idolatrar**.

Tal soberania **não está em prever ou manipular cada resultado**, mas em **ser suficientemente sábio e amoroso para lidar com qualquer resultado**.

"A soberania de Deus não é controlo absoluto, é capacidade de fazer brotar vida mesmo do caos."

O Acaso e a Esperança

Aceitar que há eventos sem explicação moral específica **não elimina a fé**, fortalece-a.
Permite que:

- A dor seja lamentada sem teologização abusiva;
- A oração seja feita com humildade, não com exigência;
- A confiança em Deus seja baseada **no Seu caráter**, não no controle absoluto.

"Podemos confiar num Deus que não manipula tudo, mas que tudo transforma."

Conclusão

O acaso não é rival de Deus, é parte de um cosmos livre, belo e perigoso. A existência de eventos aleatórios **demonstra que vivemos num mundo real, não num guião mecânico**. E o Deus trinitário, cruciforme e relacional, **é suficientemente soberano para reinar sem apagar o risco, o caos ou a liberdade**.

"Não é preciso que tudo faça sentido para que Deus seja digno de confiança. Basta saber que Ele está connosco, mesmo no acaso."

Referências bíblicas incluídas neste apêndice:

- Romanos 8:28
- Eclesiastes 9:11
- Provérbios 16:33
- Mateus 5:45
- João 9:1–3

Notas de rodapé

1. Gregory A. Boyd, Satan and the Problem of Evil, Apêndice 4.
2. Clark Pinnock, Most Moved Mover, cap. 7.
3. Richard Rice, The Openness of God, cap. 3.
4. William Hasker, Providence, Evil, and the Openness of God, cap. 4.
5. N. T. Wright, Evil and the Justice of God, cap. 4.
6. Terence Fretheim, God and World in the Old Testament, cap. 8.

APÊNDICE 5

NOTAS EXEGÉTICAS SOBRE TEXTOS USADOS PARA APOIAR O COMPATIBILISMO

"Uma leitura compatibilista da Bíblia exige ignorar o drama da luta que perpassa de Génesis a Apocalipse."
Gregory A. Boyd

"As passagens bíblicas usadas para apoiar o determinismo divino são melhor compreendidas nos seus contextos históricos e literários, os quais afirmam consistentemente a liberdade humana genuína."
John Sanders, *The God Who Risks*, cap. 9

Este apêndice apresenta uma análise exegética de passagens frequentemente usadas para sustentar o **compatibilismo teológico**, a doutrina segundo a qual **a soberania de Deus é compatível com a determinação de todas as ações humanas, mesmo quando essas ações são consideradas livres**.

Boyd examina esses textos de forma cuidadosa, argumentando que:

- Em nenhum deles a Bíblia ensina que **Deus determina infalivelmente as decisões morais livres**;
- Todos podem ser interpretados de forma **coerente com o livre-arbítrio autodeterminante** e com uma teodiceia baseada no amor e na guerra espiritual.

O objetivo é mostrar que **a Bíblia, lida com atenção ao contexto e ao caráter revelado de Deus em Cristo, apoia a liberdade significativa, e não o determinismo divino encoberto**.

---

1. Génesis 50:20, "Vós intentastes o mal contra mim, mas Deus o tornou em bem"

Leitura compatibilista: Deus predeterminou que os irmãos de José o vendessem como escravo para realizar o plano divino.

Resposta exegética:
O texto não diz que Deus **ordenou ou causou** o mal. Diz que Deus **trouxe bem a partir do mal que os outros intencionaram**.

- O mal foi dos irmãos ("vós intentastes o mal");
- O bem foi de Deus ("Deus o tornou em bem").
  → A glória está **na redenção**, não na predestinação do mal.

"Deus é soberano não porque causa o mal, mas porque redime o mal."

---

2. Êxodo 4:21 / 7:3 / 9:12, "O Senhor endureceu o coração de Faraó"

Leitura compatibilista: Deus controlou a vontade de Faraó para garantir o resultado desejado.

Resposta exegética:
O texto alterna entre dizer que:

- Faraó **endureceu o seu próprio coração** (Êx 8:15,32; 9:34);
- O **coração de Faraó endureceu-se** (Êx 7:13,22; 8:19);
- O **Senhor endureceu o seu coração** (Êx 9:12; 10:1).

→ A linguagem sugere um **processo relacional e judicial**, não determinismo.

Deus **confirma** a obstinação de Faraó, **não a causa desde o início**. É uma forma de **julgamento permissivo**, não de manipulação direta.

"Deus endurece apenas aqueles que já escolheram endurecer-se contra Ele."

---

3. Provérbios 16:9, "O coração do homem traça o seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos"

Leitura compatibilista: Deus controla cada passo que damos, mesmo se fazemos planos diferentes.

Resposta exegética:
O provérbio expressa uma **confiança na providência de Deus**, não uma negação da liberdade.

→ O texto não diz que Deus **escolhe cada passo**, mas que **orienta, conduz, interfere, guia**.

É um versículo sobre **soberania dinâmica e pastoral**, não sobre predestinação meticulosa.

---

4. Isaías 10:5–15, "Ai da Assíria, vara da minha ira..."

Leitura compatibilista: Deus usa impérios como instrumentos de juízo, mesmo que eles ajam com intenções más.

Resposta exegética:
Sim, Deus usa impérios. Mas o texto **condena a Assíria precisamente por agir com arrogância e violência além do que Deus desejava** (Is 10:7–15).
→ Deus **não predeterminou o mal**, **tolerou-o**, **usou-o** e julgou-o.

Esse uso é **tático, não ético**, e não absolve os agentes humanos da sua maldade.

"Deus não endossa aquilo que usa. Ele é mestre em transformar instrumentos hostis em oportunidades redentoras."

---

5. João 6:44, "Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o trouxer"

Leitura compatibilista: Só Deus pode decidir quem crê, é Ele quem traz alguns e não outros.

Resposta exegética:
A atração do Pai é **real, mas não irresistível**. A mesma palavra (ἑλκύω, "atrair") é usada em João 12:32:

"Quando eu for levantado da terra, atrairei todos a mim."

→ Logo, **todos são atraídos**, mas nem todos respondem.
→ A graça é **universal** e **resistível**, não arbitrária.

---

6. Atos 2:23 / 4:27–28, "Jesus foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus"

Leitura compatibilista: Deus predeterminou a crucificação, logo, predetermina também todos os males.

Resposta exegética:
A cruz **foi prevista e permitida por Deus**, mas os agentes humanos **agiram com intenção livre e maliciosa** (At 2:23).

→ A predestinação aqui refere-se **ao plano redentor**, **não aos detalhes individuais de cada ação humana**.
→ A grandeza do plano é que Deus **usa as más escolhas humanas para realizar o bem**, **sem as causar**.

"A cruz mostra a sabedoria de Deus em redimir, não a vontade de Deus em controlar."

---

7. Romanos 9:10–24, "Deus tem misericórdia de quem quer, e endurece a quem quer"

Leitura compatibilista: Deus escolhe salvar uns e rejeitar outros, sem considerar as suas ações.

Resposta exegética:
O contexto de Romanos 9–11 trata **do plano de Deus**

para Israel e os gentios, **não da salvação individual eterna**.

- Os "vasos de ira" (v. 22) são **preparados para destruição por si mesmos** (voz média do verbo grego);
- Deus é paciente, oferecendo **oportunidade de arrependimento** (v. 22–23; Rm 10:21).

→ Paulo defende **a justiça de Deus ao incluir os gentios** e ao **usar Israel como meio da salvação**, sem sugerir que **Deus predestina uns para o inferno**.

Conclusão

Nenhum dos textos usados para defender o compatibilismo obriga a tal interpretação. Todos podem, e devem, ser lidos de modo coerente com:

- A liberdade moral genuína;
- A responsabilidade humana;
- A soberania não-coerciva de Deus revelada em Jesus.

"A Bíblia é a história de um Deus que luta, não de um Deus que manipula."

A teodiceia trinitária de guerra propõe que **Deus é soberano ao escolher amar**, ao criar criaturas livres e ao redimir os seus erros, não ao decretar cada movimento como um roteirista divino.

Referências bíblicas incluídas neste apêndice:

- Génesis 50:20
- Êxodo 4:21; 7:3; 9:12; 8:15,32; 9:34
- Provérbios 16:9
- Isaías 10:5–15
- João 6:44; 12:32
- Atos 2:23; 4:27–28
- Romanos 9:10–24; 10:21
- 1 Pedro 1:2
- 2 Pedro 3:9

Notas de rodapé

1. Gregory A. Boyd, Satan and the Problem of Evil, Apêndice 5.
2. John Sanders, The God Who Risks, cap. 9.
3. Clark Pinnock, Most Moved Mover, cap. 6.
4. Terence Fretheim, The Suffering of God, cap. 7.
5. Thomas Talbott, The Inescapable Love of God, cap. 3.
6. David Basinger, The Case for Freewill Theism, cap. 5.

Glossário de Termos e Conceitos e o seu Significado na Teodiceia Trinitária de Guerra

Acaso
Refere-se à ocorrência de eventos sem causa direta ou intenção específica. Na visão trinitária, o acaso é real num mundo com liberdade genuína e ordem natural estável. Não ameaça a soberania divina, mas é condição para a criatividade, o risco e a responsabilidade.

Aniquilacionismo
Doutrina segundo a qual os ímpios não sofrem eternamente, mas são finalmente destruídos. A existência fora de Deus torna-se insustentável, culminando num colapso ontológico. Preserva a justiça de Deus e a esperança de vitória final sem eternizar o mal.

Compatibilismo
Ideia de que a soberania de Deus é compatível com o determinismo, ou seja, que as escolhas humanas podem ser livres mesmo sendo determinadas por Deus. Boyd rejeita essa posição por tornar a liberdade ilusória e por desfigurar o caráter de Deus revelado em Cristo.

Criação
A criação é boa, livre e relacional, feita por um Deus trinitário. Foi intencionalmente dotada de agentes livres (anjos e humanos), o que a torna vulnerável ao risco, ao mal e à redenção. O mundo é o campo onde o amor e o conflito espiritual se desenrolam.

Das Nichtige
Termo de Karl Barth para o "nada", a realidade que Deus não quis criar, mas que emerge da rejeição da Sua vontade. Representa o caos, o mal e a separação radical de Deus. Na teodiceia trinitária, é uma forma teológica de falar da corrupção e da dissolução do ser.

Demonologia
Estudo dos agentes espirituais malignos. Boyd afirma que a guerra espiritual é central para compreender o mal no mundo. Satanás e outros seres caídos influenciam eventos humanos e naturais, distorcendo a criação, sem anularem a soberania de Deus.

Determinismo
Ideia de que tudo o que acontece foi decretado por Deus. Boyd recusa este conceito, pois anula a liberdade, transforma Deus num autor indireto do mal e contradiz o dinamismo relacional das Escrituras.

Dualismo
Doutrina que vê o bem e o mal como duas forças opostas e igualmente poderosas. A teodiceia de guerra rejeita esse modelo: Deus é soberano, mas permite oposição real. A guerra cósmica é assimétrica, Deus vencerá, mas não anula a liberdade dos oponentes.

Espírito
Seres espirituais são reais e variam de natureza. Incluem Deus, anjos, demónios, e o próprio espírito humano. Interagem com o mundo material, podendo influenciar decisões, eventos e estruturas. O Espírito Santo age como força redentora em meio ao conflito.

Essência divina
A natureza eterna e imutável de Deus: amor, justiça, liberdade relacional. A essência de Deus é trinitária, uma comunhão de amor. Qualquer teologia sobre providência ou mal deve estar em coerência com essa essência revelada em Jesus Cristo.

Fé
Mais que crença, fé é confiança ativa em Deus, especialmente no meio do sofrimento e da incerteza. É a resposta relacional à revelação do caráter divino, e permite participar na obra de Deus em meio à guerra espiritual.

Glória de Deus
Não é a exaltação de poder, mas a manifestação visível do caráter de amor de Deus. Revela-se sobretudo na cruz, humildade, entrega e sofrimento. Glorificar Deus é espelhar esse caráter na vida concreta, especialmente sob risco.

Inferno
Não é um lugar de tormento eterno, mas o destino último da rejeição da vida em Deus. É colapso da existência, separação consumada. Boyd defende o aniquilacionismo: o mal não será eternizado, mas extinto.

Justiça de Deus
Justiça não é punição mecânica, mas restauração de relação. Deus julga com fidelidade, respeitando a liberdade e promovendo reconciliação. A justiça divina é compatível com a misericórdia e manifesta-se plenamente na cruz.

Livre-arbítrio
A capacidade de agir de modo autodeterminante, poder escolher entre alternativas reais. É condição para o amor autêntico e fundamento da responsabilidade moral. É finito e pode ser perdido ou endurecido.

Mal
Não é criado por Deus, mas resulta da distorção da liberdade. Pode ser pessoal (pecado), espiritual (rebelião angélica), ou estrutural (sistemas e naturezas corrompidas). O mal será vencido, não absorvido na vontade de Deus.

Mal natural
Sofrimento ou destruição não causado por agentes humanos, como desastres, doenças, predação. A teodiceia de guerra atribui muitos desses fenómenos à atividade espiritual hostil, e não ao desígnio divino direto.

Mal moral
Mal causado por decisões livres de agentes humanos ou espirituais. Inclui violência, injustiça, opressão. É responsabilidade direta do sujeito livre, mas Deus pode redimir as suas consequências sem as aprovar.

Milagre
Intervenção direta de Deus que transcende os padrões normais da natureza. Os milagres são sinais do Reino, não violações arbitrárias da ordem. Cooperam com a fé, oração e a luta espiritual.

Oposição espiritual
Realidade de forças pessoais malignas que se opõem

à vontade de Deus. São seres criados com liberdade que se rebelaram. A sua presença explica parte do sofrimento no mundo. A cruz é o ponto central da sua derrota.

Oração
Comunicação e cooperação com Deus. É instrumento de batalha espiritual, meio de intercessão e transformação. Não muda um plano fixo, mas participa num mundo aberto e relacional.

Punição
Deus disciplina com vistas à restauração. A punição justa é proporcional, temporária e motivada pelo amor. O juízo final elimina o mal, não o conserva eternamente.

Redenção
A ação de Deus em Cristo para resgatar e restaurar tudo o que foi perdido. É relacional, voluntária e trinitária. Inclui indivíduos, comunidades e toda a criação.

Responsabilidade moral
Só é possível num contexto de liberdade real. Os agentes são responsabilizáveis quando possuem conhecimento e capacidade de escolha. Deus julga cada um segundo essas condições.

Soberania
Deus reina sobre tudo, mas não controla tudo. Soberania é poder para alcançar os fins divinos respeitando a liberdade das criaturas. Não é microgestão, mas governo relacional e cruciforme.

Sofrimento
Não é desejado por Deus, mas suportado com a criação. É resultado do risco real da liberdade. Deus sofre connosco, redime e transforma a dor, mas não a impõe.

Teísmo aberto
Visão segundo a qual Deus conhece o futuro como parcialmente aberto, ou seja, as decisões livres ainda não são factos a serem conhecidos. Preserva a liberdade e o caráter relacional de Deus.

Teodiceia
Justificação racional e teológica da bondade de Deus à luz do mal no mundo. A teodiceia trinitária de guerra afirma que o mal vem da liberdade criada, e que Deus o vence por amor e participação, não por controlo.

Trindade
Deus como comunhão eterna de três pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo. O amor trinitário é o

fundamento da criação, da redenção e da forma como Deus governa o mundo.

Verdade
Aquilo que é coerente com a realidade criada por Deus e com o Seu caráter revelado em Cristo. A verdade liberta (Jo 8:32), mas exige humildade, relação e escuta.

Vitória de Deus
O fim da história onde o mal é eliminado, a criação é restaurada e Deus é "tudo em todos" (1 Co 15:28). Essa vitória é segura, mas não automática, Deus conquista por amor, não por força.